

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 54

Lisboa, 16 de Março de 1928

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

1500

VOGA



**SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND**

CADA NÚMERO (AVULSO) Esc. 1\$50



O novo «Presidente», de 8 cilindros em linha, vem consagrar, por uma forma brilhante, a superioridade técnica do fabrico Studebaker. De linhas elegantíssimas, alia às vantagens mecânicas, universalmente apreciadas, o máximo do luxo e conforto.

Velocidade. mantém sem esforço 120 km. à hora, sempre e durante o tempo que quizermos.

Fôrça. é accionado pelo seu motor de 8 cilindros em linha que desenvolve mais de 100 cavalos ao freio, sem a menor vibração.

Segurança. a carrosserie é inteiramente em aço. O centro de

gravidade do carro é muito baixo, assegurando, a qualquer velocidade, uma estabilidade perfeita. Os travões, às quatro rodas, são do tipo servo-integral.

Elegância. Tem a elegância sumptuosa e característica dos Studebakers, elevada ao mais alto grau de perfeição.

Conforto. Graças à sua suspensão duma suavidade incomparável, proporciona o maior conforto quando em andamento, sendo os seus interiores cuidados com esmero e dum luxo requintado.

O novo Studebaker «Presidente» de 8 cilindros, em linha, conquistará todos os que apreciam a verdadeira manifestação de talento na indústria do automóvel.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital

Unicos representantes para Portugal :

C. SANTOS, LDA.

LISBOA : Rua do Crucifixo, 55 a 59

PORTO : Praça da Liberdade, Edifício da Nacional



STUDEBAKER





Tamanho real do volume

DICCIONÁRIO ENCICLOPÉDICO
LUSO-BRASILEIRO

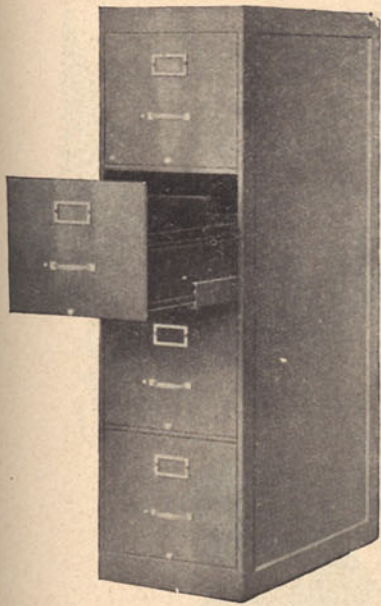
publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores
144 — Rua das Carmelitas — PORTO

DEPOSITÁRIOS EM LISBOA :

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—R. Anchieta, 25

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuídas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a côres, etc. — Preço do volume encadernado, 40\$00. Pelo correio, registado, mais 4\$50.



Para ter os seus papeis devidamente arquivados e protegidos contra fogo examine os moveis americanos no meu stand.

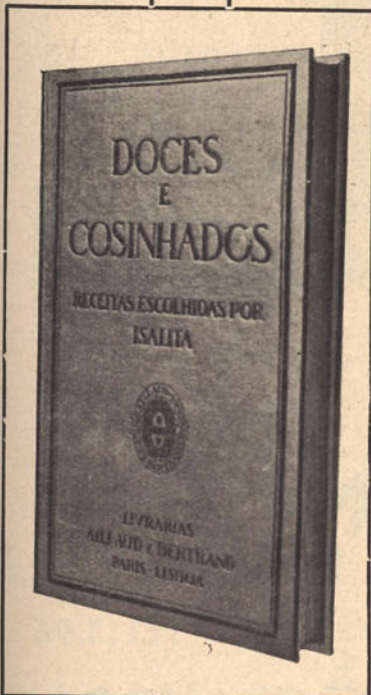
J. GONÇALVES
Calçada do Carmo, 10 - LISBOA

MOVEIS DE AÇO "ERGA" ARQUIVOS PARA ESCRITÓRIO



CARLOS DUNKEL
Sá da Bandeira, 62 - PORTO

DUNKEL & ANTUNES, L.^{DA}
Rua Augusta, 56 - LISBOA



DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS ALLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

**TODAS
AS
GRAVURAS**

DA ILUSTRAÇÃO

**SÃO
FEITAS**

**NA
CASA**

**BERTRAND IRMÃOS
LPA**

TEL.T.96

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a
27.ª edição de

EURICO O PRESBYTERO

COM DOIS APENDICES

Edição das
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



“KAPPEL”



*A maquina de escrever mais resistente,
mais perfeita e mais garantida
no seu funcionamento*

PEÇAM DETALHES A

A GESTETNER, L.^{DA}

PORTO — Rua Passos Manuel 249
Telefone N.º 1081

LISBOA — Rua da Conceição, 125
Telefone: Central 320

LEIAM

O mais discutido dos livros

JESUS CRISTO EM LISBOA

OBRA PRIMA
DE PENSAMENTO MODERNO

POR

RAUL BRANDÃO

E

TEIXEIRA DE PASCOAIS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

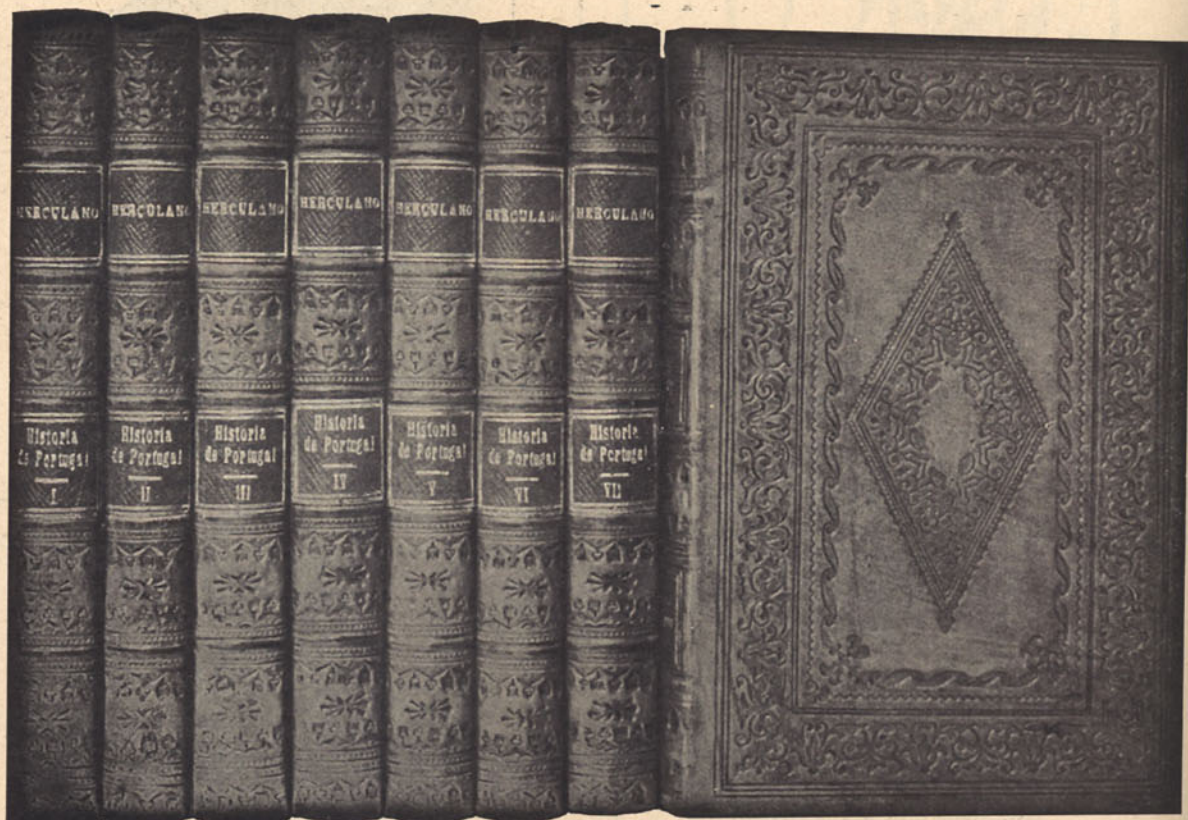
Chiado, 73 e 75 — LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

ACABA DE SAIR O VOLUME VIII (ÚLTIMO)

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura Esc. 10\$00
 Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro Esc. 14\$00
 Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado Esc. 25\$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:
 Brochado Esc. 12\$40
 Encadernado em percalina Esc. 16\$40
 » » carneira. Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Grup-fix

A
COLA
IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ
Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação

Preço 12,500

Únicos representantes para Portugal e Colónias

MILLAUD, LIMITADA
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

CE QUE FEMME VEUT
PERFUME DE
GELLÉ FRÈRES
PARIS



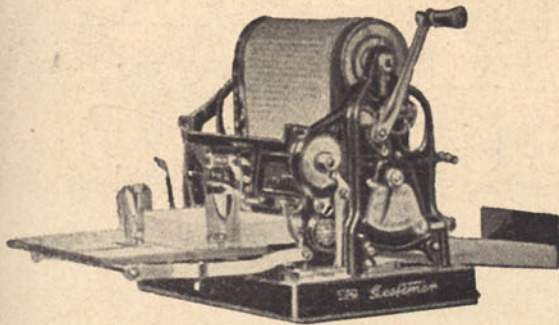
essencia
pó de arroz
loção
sabonete

Se Venderem nos seguintes endereços: LISBOA
108, Rua de S. Paulo, 108, Rua de S. Paulo, 108, LISBOA

*Para que
nas longas noites de inverno
as horas passem a correr
basta ler o*



MAGAZINE
BERTRAND



TIRA 100 COPIAS POR MINUTO!!

*Cada escritório precisa organização !!
Todo o negocio precisa desenvolvimento !!*

O DUPLICADOR
“D. GESTETNER”

*O melhor duplicador do
Mundo pôde ser nos dois
casos de imensa utilidade!*

PEÇAM DETALHES Á CASA

A GESTETNER, L.^{DA}

Rua de Passos Manuel, 249

PORTO

Telefone N.º 1081

Rua da Conceição, 125

LISBOA

Telefone: Central 320



ULTIMAS OBRAS PUBLICADAS
 PELA
 MAIS ANTIGA E MELHOR COLECCÃO
 DE
 LIVROS TÉCNICOS
 PORTUGUESES

ELEMENTOS DE METALURGIA

é um volume de 424 páginas, com 121 gravuras, em que o seu autor, o sr. João Emílio dos Santos Segurado, desenvolveu proficientemente todos os assuntos de que trata, tais como: Combustíveis, operações metalúrgicas, fabrico do ferro e do aço, descrição dos metais mais vulgares, dando à cerca de cada metal as suas propriedades, a sua análise química, os minérios susceptíveis de o produzir, os diversos processos de preparação e os diversos fornos e aparelhos usados.

1 volume, encadernado em percalina..... 20\$00

MANUAL DO MARCENEIRO

é um dos mais interessantes livros publicados ultimamente. O seu autor, sr. João Pedro dos Reis Colares, desenvolveu, com a grande competência de um profissional distinto, todos os assuntos que dizem respeito ao artista marceneiro, de forma tão clara, que torna este livro muito útil também a todas as pessoas que queiram ter conhecimento deste atraente

ofício. Igualmente o amador de móveis encontrará nele um repositório dos estilos principais usados no mobiliário, sem ter de recorrer a custosas publicações estrangeiras.

Um volume, encadernado em percalina, com cerca de 300 gravuras no texto e um album de mobiliário artístico 20\$00

MANUAL PRÁTICO DO FOTÓGRAFO

PELO SR. ANTONIO DAMASO DAS NEVES

É o último livro publicado em português sobre fotografia, que nos dá os conhecimentos técnicos dos diversos processos usados até a actualidade. Nele encontramos uma pequena descrição histórica, descrição do material fotográfico, laboratório e gabinetes escuros, galerias, processos de fotografia, objectivas, variedades fotográficas, etc.

Um volume encadernado em percalina, de 200 páginas, com bastantes gravuras elucidativas..... 12\$00

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30--Lisboa

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25--Lisboa

DIRECTOR-DELEGADO:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

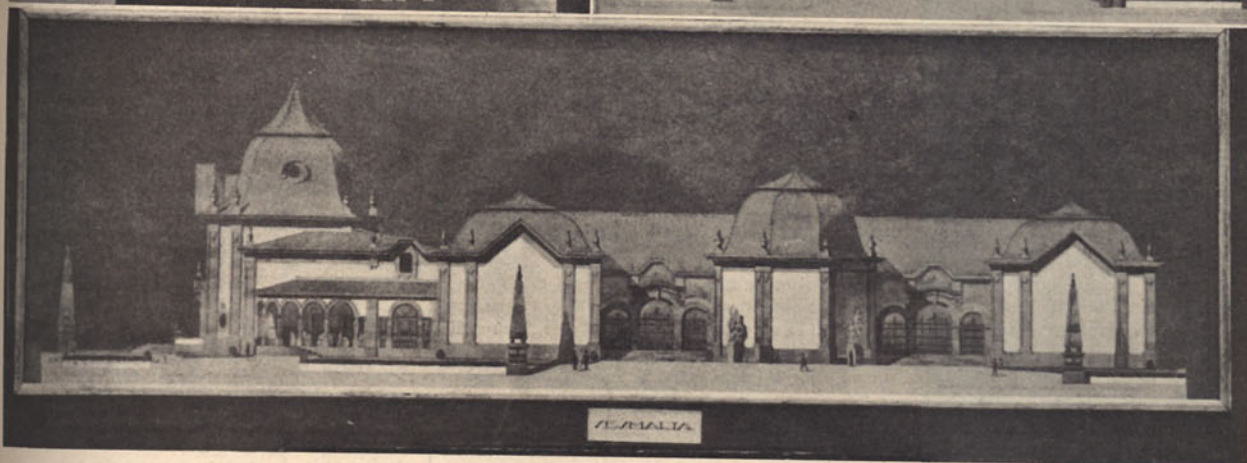
ANO 3.º — N.º 54

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE MARÇO DE 1928



O CONCURSO PARA O CARTAZ DE PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NA FEIRA DE SEVILHA, RENHIDAMENTE DISPUTADO, FOI GANHO PELO PINTOR MODERNISTA ALMADA NEGREIROS, ACTUALMENTE EM ESPANHA. REPRODUZIMOS À ESQUERDA O CARTAZ PREMIADO E QUE TINHA A DIVISA «VIVA CARLOS BLECK» E UM AUTO-RETRATO DO AUTOR



A EXEMPLO DO «CONCURSO DOS CARTAZES», O CERTAMEN PARA A ADOÇÃO DUM PROJECTO DE PAVILHÃO PORTUGUÊS EM SEVILHA FOI UM SENSACIONAL ACONTECIMENTO E TRAVOU-SE ACESA DISCUSSÃO NA IMPRENSA À CERCA DAS RESOLUÇÕES DO DIGNÍSSIMO JURI. ARQUIVAMOS ACIMA DOIS ASPECTOS DO FORMOSO PROJECTO DOS IRMÃOS REBELO DE ANDRADE, RECOMPENSADOS COM O PRIMEIRO PRÊMIO

CRÓNICA DA QUINZENA

Tentou Alfredo Fouillée uma psicologia dos povos europeus em que o nosso foi omitido, ou porque o supozesse muito identificado com o espanhol, ou porque lhe não merecesse gastar sabedoria a nossa pequenez. Não foram, por certo, os meandros da nossa consciência colectiva que o intimidaram, nem tampouco a penúria de materiais. Um povo que tem perto de mil anos, que anda associado às mil e uma aventuras do velho continente, que foi observado por muito homem probo e muito fiel patife das várias literaturas, que se ufana duma história composta por frades e alguns leigos, sem dúvida punha vulto na pedra fria das autópsias. Mas Fouillée, a pesar disto, desdenhou-nos para *anima vili* e não paga a pena investigar por que carga de água assim procedeu.

Cometeu Oliveira Martins essa empresa, mas, em despeito do seu espírito luminoso, do seu poder de generalizar, o resultado foi menos que satisfatório. A nosso ver, para trabalho deste tómo, o menos habilitado é a pessoa de casa. O factor da índole comum, ilaqueando o indivíduo nas suas mil predisposições, o próprio fenómeno de posição, em virtude do qual se esbatem e se transformam as coisas constantes para com a nossa perceptibilidade, ser-lhe hão mais prejudiciais que os mais estreitos antolhos. Como romancista, poderá surpreender no meio os seus tipos representativos e dar-lhes uma vida transcendente; como historiador poderá dividir de alto o sulco que neste ou naquele sentido a nação foi riscando ao longo dos séculos e das gerações; mas elevar-se à síntese, à clara e suprema síntese, quanto à psicologia do país natal, é cometimento de que melhor dará conta o estrangeiro da sua janela distante, desassombada.

Não tivemos a sina de merecer a um desses magnates da inteligência obra tão compendiosa, que, fixando directivas morais e mentais, permitisse conceber o estatuto duma educação racional para o nosso povo. Não, nunca fomos pesados em balança decimal, rigorosa, nem mordidos pelo punção do filósofo. Ouro ou plauqué, ignoramos qual seja o nosso quilate de lei. Desde o século xv, porém, que os viajantes enxamearam por esse Portugal fora, deixando relato do que viram. E muitos deles saíram a público e raso depôr acerca do carácter português. Coligindo, porém, as vozes duns e doutros, o que se apura é uma Babel, a dissonância.

Para uns somos um povo triste e melancólico, bêbedo de fado e de saudade, para outros um povo alegre, sobrenadando gloriamente acima das agruras da vida, entre um mar azul e um céu mais azul ainda. Este

tomar-nos há como uma horda que ergueu tendas, suspendeu as lanças enferrujadas e deitou ao sol os atafais; aquele como uma raça, estruturalmente perfeita, com uma flagrante personalidade. Que somos dotados duma imaginação selvagem e duma infantildade bárbara; que somos propensos à charlatanaria, ao culto do ouro e do palavrão ôco e sonoro; que nada nos é sagrado, e o espiritual em nós é só atitude; que o nosso fundo é sensualidade e preguiça; que a nossa história é uma bela aventura de piratas e candongueiros; que os escrupulos da honra, entre nós, aparelham, por vezes, com uma amalgama moral inverosímil como só seria possível encontrá-lo em *condotieri* e quadrlheiros — e, como estas, infinitas pravidades reportam acerca de nós os viajantes pejorativos. Mas os Pechio, os Linck, os Hoffmann seg exclamarão que somos o povo mais idealista do mundo, doce, brando, sensível, pacífico como uma tribu em regime patriarcal, de alma pura e cândida como uma revoada de pombas brancas — e a cornucópia destas finezas é inexgotável. Os moderados acoiram-nos hão de rotineiros, supersticiosos, humildes até à abjeção, honestos posto que pobres, laboriosos embora incultos, dotados duma inteligência viva mas sem constância, volúveis — europeus destemperados pelo sangue negro.

Neste pretório em que falam tôdas as línguas, onde está a verdade? E porque são tão discordes?

Ausultar a consciência dum povo é incomparavelmente mais difícil que a difícil operação de penetrar o *eu* dum homem. Quem somos? Onde vivemos?

Parece terem assentado os sábios que o povo português é um ramo da grande família ibérica, tendo adquirido um carácter especial depois que atingiu a sua maioridade política. O português é o português, o castelhano é o castelhano. Distinguem-se; mas distinguem-se, como? A primeira vista distinguem-se porque o castelhano possui um conjunto de predicados, acusa um *facies* próprio que o português não tem. Aparta-se, está certo, do castelhano, mas as razões deste apartamento estão na carença de qualidades, bem definidas naquele. E será assim?

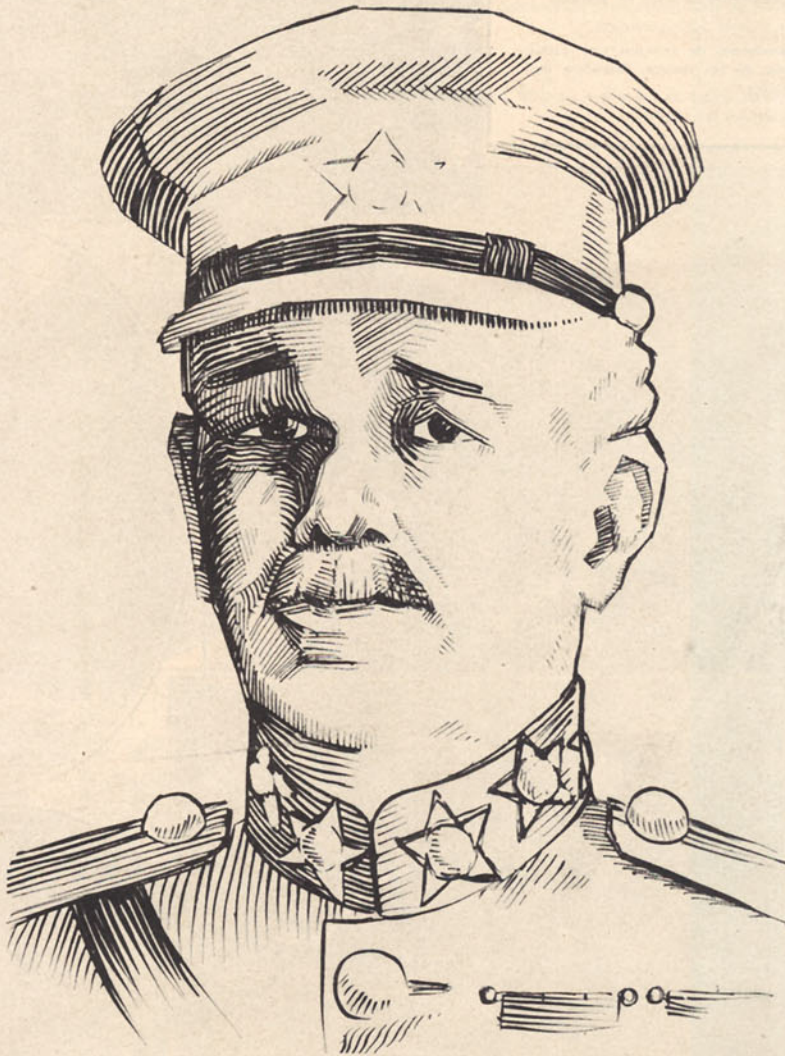
Espraiando olhos pelo passado, depara-se-

nos Castela como um formidável cunhal de bronze no meio das construções políticas, peninsulares. Ali veio quebrar-se todo o material humano que jorrou do Norte e das praías mediterrâneas. Seria o castelhano um descendente de Roma, ou um aborigene transformado? Seja como fôr, enquanto o fero homem se robustecia no sentido do seu protoplasma, o português caldeava. Deixara-se já penetrar de elementos mais ou menos antecristãos como fenícios e gregos, outros de toda a evidência como cartagineses e romanos, e fundia-se com bárbaros do Norte, árabes, judeus, e muito sangue negro. Ao brando sol, num *habitat* que, pela riqueza da vegetação devia ser muito mais agradável que hoje, essas raças heterogêneas mestiçaram-se. Mas fazendo-o, não se fusionaram perfeitamente, não ligaram de verdade, não decantaram; numa palavra: não depositaram uma alma. E, afora o núcleo serrano das Beiras e Trás-os-Montes, oasis, porventura de autóctones como Castela, o que para aí ficou, à beira-mar, nos pláins do centro e do sul, são resíduos de muitas raças que se traduzem pela variedade de fisionomias que assombrava Pechio. Contra o facto duma instituição política secular, e ainda contra o facto mais frizante duma língua própria, redarguirão os pessimistas que uma e outra se explicam por uma actividade colectiva, sem que intervenham as forças místicas, isoladísticas duma alma. Assim existiu Argel sob o governo dos deys, séculos e séculos, antes da dominação francesa. E como onde não há raça, não há uniformidade psíquica, daí a desinteligência dos forasteiros que escreveram acerca de Portugal.

Tudo isto é o lado sombrio do quadro. A prestar crédito, pelo contrário, aos nossos poetas e oradores de comício, a nação lusa constitui uma família, moldada numa só madre, mimosa de todos os dons da natureza e da arte. Oxalá tivessem razão estes *poitiers en rose*. A verdade é que, merecê duma consanguinidade adulterada ou vício crónico de educação — e este poderia considerar-se já um efeito — a consciência do português de hoje é uma coisa de pasmar. Como nela se conciliam os sentimentos mais contraditórios e as ideias mais crassamente idiotas com o propósito louvável e a boa vontade, como nela se alia a honra à obra de fraude e de ludíbrio, como a sua inteligência se adapta ao absurdo, como pensa e como obra — só duma casa de orates, a casa de orates de Edgard Poë, arvorada em *self-government*.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM PORTUGUÊS



O GENERAL IVENS FERRAZ

A recente apreciação pela Sociedade das Nações do nosso pedido de patrocínio para um empréstimo externo, destinado a obras de fomento, pôs em lóco um grande vulto de homem «de antes quebrar que torcer», de rija tempera lusitana, capaz de, por si só, pelas suas virtudes e pela sua energia, fornecer exemplo e dignificar uma Pátria. Foi o general Ivens Ferraz, delegado extraordinário do governo português que, repelindo uma afronta ao brio nacional, e repelindo-a sem tibiezas nem claudicações, chamadas pelos fracos diplomacias, surgiu ante os nossos olhos aureolado por um grande, um excepcional prestígio moral.

O nosso homenageado de hoje, com a sua

atitude firme, nobilíssima, de lei, gritou ao mundo, em voz que o murmúrio anárquico da conspícua assembleia soberana não conseguiu abafar, não só o egregio nome de Portugal, tão esquecido, como também a afirmação do nosso orgulho, da nossa dignidade e até, note-se bem, do nosso poderio. Porque é imenso o nosso poderio no mundo, ainda hoje! Basta que seja nossa a língua que falam cinquenta milhões de almas nos dois continentes, basta que ainda seja nosso o vasto império colonial que todos cubicam e que nenhum soube ainda igualar, basta que sobre o mundo inteiro, marcada por padrões de impercível glória, exista a marca indelevel, imensa, prodigiosa, da garra magnífica

do génio da nossa raça de eleição! Por isso foi até bom que em Génèbra nos quizessem vexar aquêles por quem demos o nosso sangue, de mãos dadas com os que vencemos, cara a cara, em prélio portentoso, pois que essa negra ingratidão nos permitiu gritar-lhes a nossa altivez e nos incitará a demonstrar-lhes que nos bastamos a nós próprios, trabalhando, sofrendo talvez, mas vencendo, e sempre, sempre grandes como outróra, no trabalho, no sofrimento, na luta e na vitória. Que todos os portugueses, em roda d'êste português que honra as nossas páginas, saibam ser... portugueses!...

(Desenho de Roberto Nobre)

J. S. F.

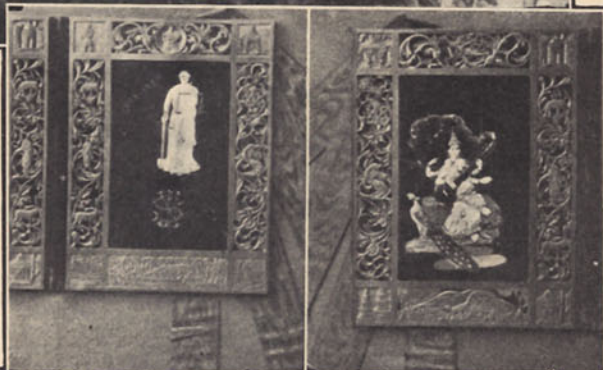
QUINZENA GRÁFICA

A DIREITA: — Um aspecto da romaria ao ponto da estrada de Buccelas em que se deu o desmoronamento da serra de Trancão

EM BAIXO: — Aspecto do desabamento de terrenos que cortou a estrada de Buccelas na extensão de 200 metros, fazendo-a desaparecer



A DIREITA: — Na exposição das pastas dos quintanistas de direito, tornou-se notável a pasta pertencente ao dr. Sequeira Nazareth, bordada por sua mãe, Ex.^{ma} Sr.^a D. Delfina Gracias de Sequeira Nazareth e com trabalhos do lavrante Crisna Naique (Nova Góá-Índia-Portuguesa)



NO OVAL, em cima: — Outro aspecto do desmoronamento da serra de Trancão

NO MEDALHÃO: — Aspecto da exposição de pastas dos quintanistas de direito (1927-28) numa montanha do Chiado e que constituía um acontecimento artístico

A ESQUERDA: — Aspecto do novo estande monumental da firma Alexandre de Mendonça, Limiteda, representantes de «Chevrolet», inaugurado solenemente, há dias, na rua Eugénio dos Santos

(Fotos Ilustrações)

ACTUALIDADES

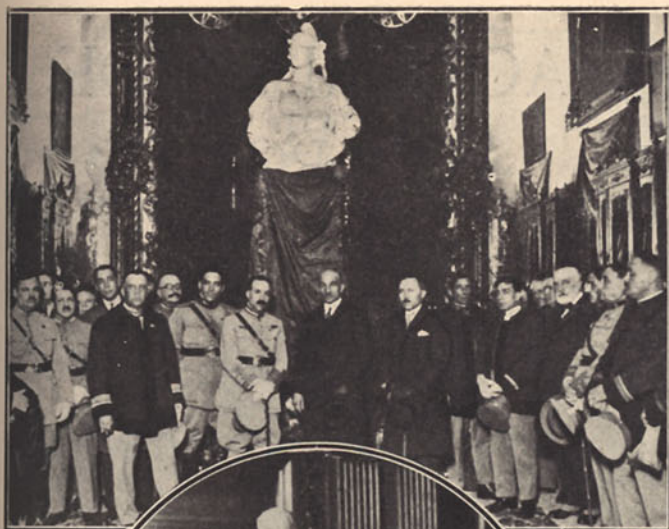
A ESQUERDA: — A recepção, na Câmara Municipal do Porto, ao sr. coronel José Vicente de Freitas, ministro do Interior, quando este membro do Governo visitou, recentemente, aquela briosa cidade

(Foto A. Martins)

NO MOLDALHÃO: — Aristide Briand, ministro dos Estrangeiros da França, e Quifones de Léon, embaixador de Espanha em Paris, assinando o acôrdo franco-espanhol sobre o estatuto de Tanger

(Foto H. Manuel)

EM BAIXO: — O avião de Carlos Bleck, em Tunis, abastecendo-se de gasolina dos depósitos da «Shell»



EM CIMA: — Em Tunis, o aviador Carlos Bleck com o consul de Portugal dr. Arnaldo Forte, o estado do «Pettit Matins» e o Presidente de S.^o Franco Asiaticque du Pétrole (Shell)

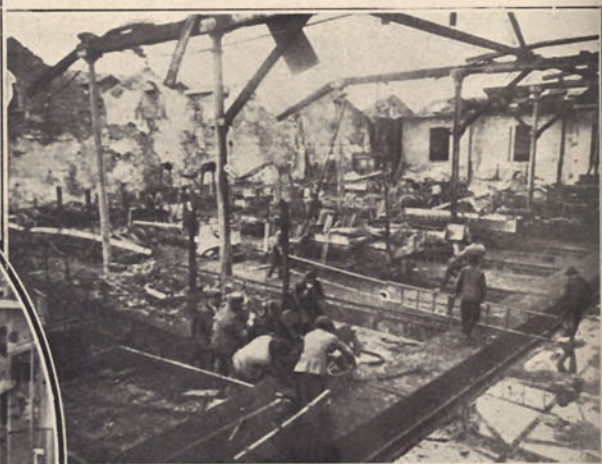
NO OVAL, à direita: — A chegada a Lisboa do arrojado aviador civil Carlos Bleck. O herói do «raid» Lisboa-Palestina, com um grupo de amigos que o esperavam

A DIREITA, em baixo: — A visita dos estudantes da Universidade de Coimbra a Tanger. Os excursionistas com o vice-consul de Portugal e esposa, chanceler e esposa, dr. Rocha Brito e esposa, comandante da «Limpo» e esposa, personalidades ilustres da colónia portuguesa, etc.

ACTUALIDADES NO PORTO



EM CIMA — Um incêndio pavoroso destruiu a *remise* dos eléctricos do Porto. Um aspecto do enorme edifício depois do rescaldo



EM CIMA — Outro aspecto das oficinas da Carris que um pavoroso incêndio destruiu por completo



NA OVAL, à *direita* — Alguns carros muito danificados pelo incêndio pavoroso

EM BAIXO — O funeral do agente da Polícia de Informação Joaquim Cândido Pereira morto a tiro misteriosamente quando, em companhia de outras autoridades cumpria a sua missão de vigilância

EM BAIXO, à *esquerda* — Inaugurou-se no Salão Silva Porto a exposição do ilustre pintor brasileiro Leopoldo Gotuzzo com a assistência do senhor comandante da região militar e senhor governador civil, além de muitas pessoas em destaque na ilustre colónia brasileira



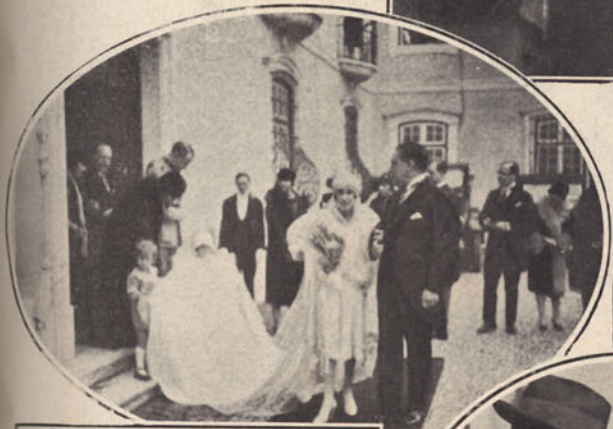
EM BAIXO — Um aspecto do funeral do cateirático de Medicina professor Luís Viegas. Os estudantes conduzindo a urna fúnebre



(Todas as fotografias desta página são xelativas para Ilustração e executadas pelo seu correspondente fotográfico Alvaro Martins)

VIDA ELEGANTE E SOCIAL

A DIREITA — Assistência ao chô intimo com que o senhor embaixador do Uruguai no Brasil, sr. Ramos Monteiro honrou Amélia Rey Colaco e Robles Monteiro e onde se vêem o ex.º conselheiro Camelo Lampraia, ex.ª esposa e filhas



EM CIMA — Um aspecto da festa da Violeta que, com fins beneficentes, foi levada a efeito por senhoras de Lisboa

NO MEDALHÃO — Vendendo flores



NO OVAL, ao alto — Aspecto do casamento da ex.ª sr.ª D. Maria Emilia de Casal Ribeiro Ulrich com o sr. marquês de Abrantes — Dirigiu-se para a capela do palacete do sr. dr. João Ulrich, pai da noiva, onde se realizou a cerimônia

EM CIMA — Os noivos após o casamento.

A DIREITA, em baixo — O Orfeão Académico de Lisboa e estudantes de todas as escolas cumprimentaram o senhor embaixador do Brasil pelas palavras do dr. Octávio Mangabeira em defesa da lingua portuguesa





PROFESSOR LUÍS VIEGAS

O eminente catedrático de Medicina da Universidade do Porto, recentemente falecido naquela cidade, e cuja morte foi sentidíssima em todos os meios, não só pelo alto valor científico como pelas grandes qualidades morais e mentais que distinguiram tão ilustre professor e médico.



JOSÉ TAGARRO

O moço pintor e desenhista José Tagarro abriu a sua exposição no Salão Bobone, obtendo um justíssimo êxito de crítica e de público. Tagarro, além de ser um pintor retratista muitíssimo notável pelo vigor da técnica e pelo brilho colorista da sua paleta de artista moderníssimo mas cheio de equilíbrio, revela-se um dos artistas portugueses que melhor trabalha os difíceis e ingratos géneros do lápis e da pena. Dum academismo que não exclui um cunho absolutamente moderno, os seus nankins e todos os trabalhos expostos designam José Tagarro como um grande artista.

(Foto M. Novais)

FIGURAS DO MOMENTO



PROFESSOR LE GENTIL

ILUSTRE mestre e catedrático francês, grande amigo de Portugal que realizou entre nós aplaudidíssimas conferências, numa das quais se referiu penhorantemente à saúdosa figura do nosso grande amigo Julio Monteiro Aillaud, editor e escritor de relêvo.

(Foto «Ilustrações»)



ADRIANO PINTO COELHO

Nosso ilustre compatriota, capitalista e considerado comerciante no Recife, antigo presidente do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, que deu a honra da sua visita às nossas oficinas e redacção, cativando-nos com elogiosas palavras, tendo regressado ao Brasil há poucos dias.

Adriano Pinto Coelho é uma figura de grande prestígio moral no país irmão e pelas suas excelsas qualidades de espírito dignifica supremamente a colónia portuguesa no Brasil.



O ENGENHEIRO FRANCIS LAUR

ANTIGO deputado francês, autor dum projecto de caminho de ferro aéreo que trará solução definitiva ao problema do trânsito. Um vagão suspenso num rail aéreo e accionado por uma hélice de motor eléctrico, pode levar uma centena de viajantes à velocidade normal de 100 quilómetros à hora.

(Foto H. Manuel)



CERAMICA PORTUGUESA

Um formosissimo exem-
plar de faiança policrôma
da Fabrica do Rato

(COLEÇÃO DR. JOÃO LUIZ DA FONSECA)

A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

(A JOSÉ CORRÊA LEAL.)



Fachada principal e do poente

Alguns dias, brevemente passados em vigiliatura proporcionada pela boa amizade de um velho amigo e pela patriarcal hospitalidade algarvia, deram-nos ensejo de conhecer um desses vetustos e humildes templos góticos que, muito comuns no norte do país, são contudo bastante raros nas regiões onde o domínio do Islam se fez sentir por mais tempo.

Num dos inúmeros vales formados pelas acentuadas ondulações em que a Serra se vem esbater no Oceano, no Promontório Sacro, perto da estrada que segue de Lagos para Sagres, e entre os povos da Figueira e da Raposeira, ergue-se o modesto templo sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, ou de Agudalupe, como geralmente é conhecida dos povos da região.

De Odelupe, deveríamos nós, portugueses, dizer, conforme a adaptação fonética geral no Algarve da palavra arabe que designa rio.

Construída com a pedra comum na localidade, um grés grosseiro, de cor variando do amarelo ao vermelho escuro, a rara ornamentação de que é provida é bastante rudimentar, acusando no entanto a filiação no primeiro período do estilo ogival. Mas, se a ornamentação é pobre e ingénua, devido tanto à má qualidade do material,

como à imperfeição dos lavrantes, não deixa a traça geral de ter uma certa elegância, sobretudo na nave, cuja cobertura, de telha mourisca sem fórró, assenta sobre dois elegantes arcos ogivais, nascidos de mísulas de sóbrias linhas rectas, descarregando em quatro sólidos e maciços botareos.

As ógivas destes arcos, assim como as do arco triunfal e as das portas principal e lateral, são tôdas de arestas chanfradas, e de ponto rebaixado, como era de uso no gótico primitivo.

A porta principal é de grande singeleza, com uma só aquívolta, e com as impostas e as bases ainda de grande sabôr românico. A lateral, é de tancil de aresta chanfrada com impostos de muito simples ornamentação.

Uma larga fresta, sobre a porta lateral, que hoje é aproveitada para suspensão de uma humilde sineta a que já falta um pedaço, apresenta o tancil recto, talvez em resultado de alterações modernas, tendo contudo labores que não destoam do primitivo estilo.



Fachada sul com porta lateral e sineta



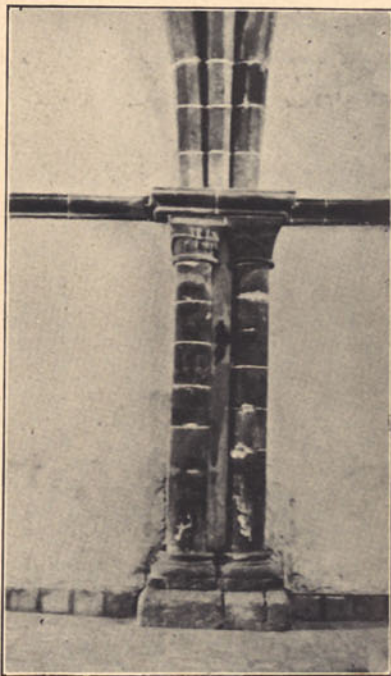
Arco da capela-mór

A rosácea que sobrepuja a porta principal; aliás com grande desvio dos respectivos eixos, irmana com a simplicidade do resto do templo, sendo fechada com uma singela cruz de pedra, em que os intervalos entre os braços foram modernamente tapados com vidros.

Foi na ousia que o construtor se emmerou em requintes architectónicos, embora alguns de uma simplicidade primitiva.

A sua cobertura, tôda em abóbada de pedra lavrada, é constituída por dois fechos em cada um dos quais se inserem seis nervuras que, assim como uma que corre na direcção do eixo transversal da ousia, vêm apoiar-se sobre quatro columnas nos vertices do rectângulo e sobre dois grupos de duas columnas, ao meio de cada parede longitudinal. Um friso à altura do ábaco dos capiteis, percorre todo o perimetro da ousia.

Da mesma forma que na nave, a ornamentação dos capiteis e dos fechos da ousia é bastante grosseira e mostra a pouca inspiração de artista. Uma cabeça de boi, diversas cabeças humanas de linhas ingénuas, um peixe, várias folhas, palmas e algas, tudo certamente inspirações da fauna e das flores locais, são os motivos da rudimentar ornamentação.



Grupo de colunas de apoio da abóbada da Ousia

Ao fundo da ousia, rasga-se uma alta janela, dividida em duas frestas de arco pleno, manifestamente da primitiva, embora reparações posteriores lhes tenham alterado já a forma exterior.

O altar, um simples paralelepípedo de alvenaria, de construção moderna, ocupa ainda a posição do primitivo altar gótico, destacado da parede.

Completaremos a descrição interior do modesto templo, falando da pia da água-benta, curioso exemplar da arte rudimentar de algum ignorado lavrante. Acha-se embebida na pilastra que suporta o primeiro arco da nave, junta à porta lateral.

É feita de um calcário rijo.

A sua forma é singularíssima e a sua ornamentação, consistindo em traços relevados, numa cruz e em arruelas não destoaria numa ardósia pre-histórica.

Exteriormente, chamam a atenção os botaréis, cuja forma maeça não é destituída de elegância.

Um friso muito simples coroa as paredes laterais por sobre a linha das gárgulas, que nenhuma ornamentação têm.

Uma tósea cruz de madeira, substitui, na fachada, a primitiva cruz gótica, que algum temporal do levante lançou por terra.

Infelizmente, a imagem da Virgem, não é a primitiva, que talvez se encontre perto, enterrada por algum escrupuloso sacerdote que achasse a sua arcaica escultura menos própria para figurar no altar e a fizesse substituir pela actual, incaracterística escultura de madeira.

Também é para lastimar que, nalguma re-

paração recente tivesse desaparecido uma trave entalhada que, lançada entre os impostos do arco triunfal, servia para suspensão da lâmpada.

Eis, sumariamente o pouco que há a descrever no modesto templo. E menos ainda podemos dizer sobre a sua história.

Não tem uma inscrição; não tem uma lapide sepulcral, mesmo anepígrafa; nem sequer nos terrenos contíguos se encontra o fragmento de uma estela que possa guiar o investigador no estudo da data da sua fundação.

Apenas um ignorado João quiz deixar a sua sigla na misula esquerda do primeiro arco da nave.

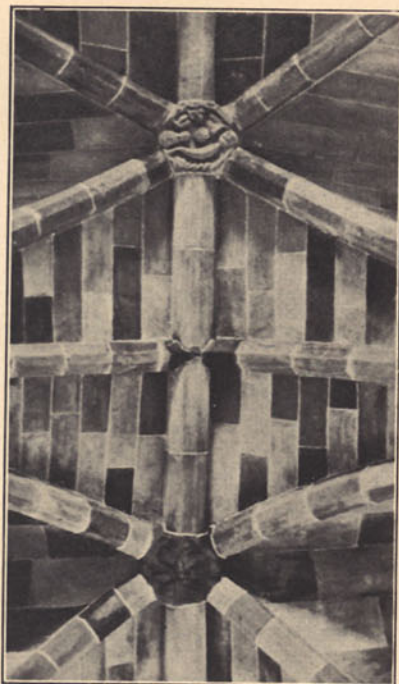
Em toda a restante cantaria lavrada apenas mais uma sigla I me pareceu ver no exterior da janela da ousia, facto este bastante raro em edificios de tão remota antiguidade.

As suas ogivas rebaixadas, a sua ornamentação com características ainda românicas, marcam para a construção um limite remoto que não vai além do século XII.

Mas, atendendo à má qualidade dos materiais, à rusticidade dos lavrantes, e ao local, não nos podem estas indicações fornecer, com plausibilidade, um limite próximo para a data da edificação.

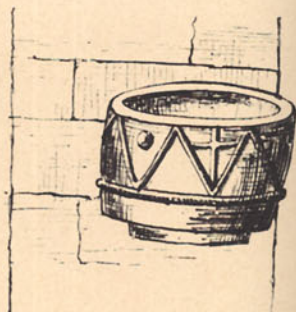
Se admitirmos, porém, como é provável, que a invocação da ermida tem sido sempre a de Nossa Senhora de Guadalupe, poderemos de outra forma procurar aquela data.

Data do século XII o culto desta senhora, numa ermida na povoação do mesmo nome,



Abóbada da Ousia

em Espanha. Tantos foram os milagres que ali fez (e deles pode o leitor encontrar notícia em dois grossos volumes manuscritos na secção dos reservados na Biblioteca Nacional de Lisboa) que Afonso XI mandou erguer naquele local um sumptuoso mosteiro, onde em 1464 foi em peregrinação o nosso D. Afonso V, e, em 1576, D. Sebastião, para



Pia batismal
(Desenho do autor)

se encontrar com seu tio, a fim de tratarem da sua fatal expedição à África.

Poderá, pois, verosimilmente supôr-se no século XIV, em que foi fundado o mosteiro de Guadalupe, a expansão do culto da Senhora, marcando-se aquele século como limite próximo da fundação da nossa vetusta ermida.

Depois, o templo, com a sua acção destruidora sobre todas as coisas, ainda mesmo as sagradas, veio fazer substituir o culto da Senhora de Guadalupe pelo de outras senhoras, de imagens de talhe esvelto de figurino moderno, de fabrico estrangeiro em série, de *carton-pierre*, com caixa de música no pedestal, expostas em luxuosos altares em templos de estuques e escaioles, com gambiarras de lâmpadas eléctricas, e nos quais nem falta o *jazz-band*.

A ingénua imagem da Senhora de Guadalupe ficou contudo a fé inabalável dos bondosos povos circunvizinhos, que a ela recorrem nos seus afflictivos transe com as suas preces, promessas, ex-votos; ficou o gorgeio dos passarinhos do bom Deus, que no seu vetusto templo entram livremente; ficou o acre perfume das frondosas figueiras que sombreiam a ousia, ao mesmo tempo que a ameaçam fazer ruir com as suas raízes.

E hoje, quando algum raro viajante se detem, ao passar, no humilde templo, para prestar culto à senhora, não sabe talvez que, quando o Infante D. Henrique, o Navegador, por ali também passava de caminho de Lagos para a Sua Vila, lá se detinha para pedir à Virgem a sua protecção para os que, pelos oceanos misteriosos, iam levar a todas as partes da Terra a Bandeira Portuguesa.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.

(Clichés do autor)

O Costureiro Patou

E AS MODAS FEMININAS.



Acabo de ler uma série de opiniões do célebre costureiro parisiense João Patou sôbre o vestuário feminino actual, e confesso que me surpreendeu algum tanto ver expendidas por êste doutor em modas algumas doutrinas tão *bota-de-elástico*. Por outro lado admirei a diplomacia com que o famoso negociante de estética mulheril empurra os exageros da moda actual para as costas (e joelhos) das mulheres norte-americanas, que aliás devem ser das suas melhores ou mais suculentas freguesas, e a quem êle no entanto acusa de perverterem o gôsto feminino europeu, com os seus extremismos de ricasças de fresca data, e a sua bárbara falta de sentimento da proporção e do equilíbrio delicado.

Certo é que o illustre Patou se indigna de ver tanta perna a descoberto até acima do joelho, declara que vai fazer campanha contra semelhantes excessos e, partindo do princípio de que a mulher se atavia, não para fazer rabiar as outras mulheres, mas para agradar aos homens ou a um homem, declara que as francesas sentem isto mesmo muito apuradamente e deviam ser imitadas pelas mulheres de outras terras.

O homem culto e civilizado, o homem fino europeu (diz Patou) não gosta nada que lhe mostrem sem mais tir-te nem guar-te a carne tóda, como no talho. É a mulher francesa, que comprehende o homem e é comprehendida por êle, não ignora êste particular da psicologia masculina. Ela sabe muito bem que a excessiva ostentação de linhas, o decote absoluto, o joelho à vela, e outras miudezas ou enormidades, rebaixam a mulher aos olhos do homem, em lugar de o atraírem, elevando-a.

Pelo contrário o anglo-saxão, absorvido pelo desporto cavalariço ou pela caça ao diabo, não comprehende a mulher, ou não

tem tempo de discuti-la e criticá-la, limitando-se a aceitá-la ou sofrê-la tal qual ela se lhe apresenta ou se lhe impinge.

Ora isto arrasta as mulheres anglo-saxónicas a tóda a casta de indiscreção no vestuário, desde a saia ridícula, que nem cobre o joelho, até o vestido de baile sem pano para ombros, quási inexistente da cinta para cima.

O homem que dança com uma mulher que nunca viu antes e tem de apoiar a mão nas costas dela sem nenhuma espécie de isolador intermédio, sente a mais desagradável impressão, sobretudo se a sua mão está mais fresca do que aquele dorso cuja pele se oferece ao contacto da sua.

Visivelmente enjoado ao falar disto, o digno Patou (estou quási tentado a chamá-lhe «o conselheiro Patou») apostrofa assim as madamas de costas em pêlo: «Acreditem, minhas senhoras, que dêste modo não se é atraente!»

O illustre costureiro parisiense também não gostou nada das nudezes que viu êste verão em Deauville: «As mulheres estendidas na areia, ou a espojarem-se nela, com os seus sucintos fatos de banho muito molhados e aderentes, não oferecem o mais leve atractivo. Pelo contrário, pareceram-me até repulsivas. Aquilo assim é uma nudez sem mistério, e a brutalidade, seja no que fór, nada tem de atraente.»

Valente Patou! Aos infiéis! Aos infiéis!...

Os infiéis são, já se vê, os norte-americanos, que, nisto como em tantos outros aspectos da moral e da estética, estão bolchevizando ao seu modo aliciador a pobre Eu-

ropa, ainda a estas horas convencida de que o único e verdadeiro bolchevismo vem da Rússia.

E é ainda para os norte-americanos que o costureiro parisiense com certeza fala, quando cita nos seguintes termos a sua própria acção profissional: «Quando estudo ou projecto os meus novos modelos de vestidos, e disponho as fazendas sôbre o manequim, encaro êste exactamente como se fôsse uma mulher que tivesse de sair comigo à rua, e ponho-me a considerar se gostaria ou não que me vissem com ela assim vestida...»

Quer isto dizer, por outras palavras, que se é certo que o hábito não faz o monge, a maneira de vestir da mulher pode definir perfeitamente o homem que vai com ela. Patou não é dêsses. Patou exige que o respeitem, e se não riam dêle, mesmo quando vai bem acompanhado.

Tudo isto está muito bem. Mas o leitor americano (ou já mais ou menos americanizado) dirá talvez com os seus botões que o insigne Patou é suspeito, na sua cruzada costureiral em prol do pudor feminino, porque, tendo negócio de vestir mulheres, está com medo que elas se deixem disso inteiramente e cheguem ao cúmulo de dispensar-lhe de todo os serviços e os panos, passando a andar «vestidas» de alto a baixo apenas com a própria pele.

Mas também pode ser que a Europa, sob os auspícios de Patou, consiga afinal vencer os Estados- Unidos em matéria de verdadeira elegância e autêntico bom gôsto do vestuário feminino. Pode ser que o sistema americano, que põe de mais os pontos nos ii, volte a ser substituído pela velha escola europeia das reticências mais misteriosas, e portanto mais aperitivas.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

A DIGNIFICAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

UM PRECURSOR

Continua o movimento nacional de aplauso à resolução tomada pelo nobre Chanceler do Brasil, de só falarem em língua portuguesa os delegados brasileiros nos congressos internacionais.

O Governo português já colocou ao peito do dr. Octávio Mangabeira a Grã-Cruz de Santiago.

Toda a nossa imprensa pôs em alto relevo o gesto magnificamente dignificador da bela língua comum a Portugal e ao Brasil.

Teve a *Ilustração* o prazer de ser primeira a publicar, numa página de honra, no seu número do Natal, um esplêndido retrato do eminente ministro brasileiro, por s. ex.º assinado e datado, retrato que, a seguir, gostosamente cedeu a outras revistas e jornais.

Acontece, porém, que esteve há pouco entre nós o notável jurista, orador e publicista brasileiro dr. Lemos Brito, que a *Ilustração* homenageou também, oferecendo-lhe um «Pôrto de Honra» nas suas oficinas gráficas, festa a que, por incomodo de saúde do ilustre embaixador do Brasil, presidiu sua ex.ª esposa, Senhora Cardoso de Oliveira, à qual estiveram presentes sua gentilíssima filha D. Virgínia e várias outras distintas senhoras, além de altas personalidades do nosso meio intelectual e artístico, que tiveram ensejo de ouvir a saudação do director da *Ilustração* João de Sousa Fossêa, o brinde feito a instantes pedidos e de improviso, do dr. João de Barros, os versos recitados por Violeta Dalcantara, o perfil que traçámos do dr. Lemos Brito e o magnífico discurso d'este último agradecendo e envolvendo Portugal e o Brasil numa calorosa apoteose.

Ora só depois da partida d'este eminente intelectual brasileiro, pudemos lêr algumas das suas obras que teve a gentileza de nos ofertar; e com alta e gratíssima surpresa deparámos no final do seu livro «Pela Pátria, no Estrangeiro» com o capítulo que pedimos vênica de transcrever a seguir:

Na Conferencia Internacional de E. Social, que se reuniu em Buenos Aires, não se adoptou a lingua portuguesa. O castelhano, o inglês, o francês e o italiano foram as linguas officiaes.

Eu me teria manifestado contra esse facto se não houvessemos, ao acceitar o convite

para esta Conferencia, lacidamente sancionado a exclusão do nosso idioma. Fiz sentir aos Drs. Eduardo Crespo, Montes de Oca e Leon Suarez o meu pezar, declinando do seu gentil offercimento para encaminhar uma concessão pela qual falasse eu em português. O Dr. Crespo disse-me ainda que a nossa lingua não havia sido adoptada por um esquecimento lamentavel, e essa declaração era tanto mais sincera quando da Argentina foi o iniciativa de minha escolha para orador official das nações latino-americanas na sessão inaugural da Conferencia.



O senhor general Carmona, Presidente da República, conversando, no Palácio do Congresso, com o dr. Lemos Brito

Redigi, então, uma «Indicação», que recebeu a assignatura de quasi todos os delegados argentinos e estrangeiros, no sentido de ser adoptada a lingua portuguesa entre as officiaes de todos os congressos internacionais que se reunam em paizes do nosso continente. O Dr. Leon Suarez por sua vez defendeu esta inclusão na secção de que foi o preclaro presidente.

Insisto, porém, neste ponto, por pensar que um povo como o nosso, de real desdobraimento no mundo, cuja acção já lhe deu logares de relevo na Suprema Corte Internacional de Haya e na Liga das Nações, não pôde abrir mão desse instrumento fundamental e preexcellente de expansão que é a sua lingua.

Nem se diga, que o português é uma lin-

gua sem autoridade. Falada, hoje, por cerca de cincoenta milhões de individuos, é uma das linguas mais bellas e ricas que se conhecem, tem sido o vehiculo de inumeras conquistas universaes e nella se escreveram numerosas obras-primas integradas afinal no patrimonio da humanidade. Demais disto, é uma das tres linguas faladas na America, e não se concebe a sua exclusão de qualquer conferencia internacional realizada em qualquer de seus paizes.

Nossa diplomacia não deve e não pôde despreocupar-se desta questão. Somos mais de trinta milhões de almas em movimento, e, quando por mais não fosse, ao menos por esta razão temos o direito e o dever de disputar um logar para nossa lingua ao se da civilização americana.

Pelo que fica transcrito se vê que a dignificação da lingua portuguesa no Brasil já andava nos seus mais altos espiritos; mas foi necessário que assumisse a direcção dos

Negócios Estrangeiros do grande país irmão, o notabilíssimo cultor da mesma lingua falada e escrita, dr. Octávio Mangabeira, para que por êle fôsse encontrada soberba consagração do riquíssimo idioma.

Naquella festa a *Ilustração* associou-se ao referido movimento convidando o ilustre artista Jorge Colaço, presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, a transformar o seu alvitre para que seja afixada em todas as nossas escolas a resolução do chanceler brasileiro, em termos sucintos, a fim de se fazer uma separata que a *Ilustração* porá à disposição do sr. ministro da Instrução, dr. Alfredo de Magalhães, em quantidade sufficiente para que essa afixagem se faça, se s. ex.º, com o seu natural critério, assim entender.

ALCANTARA CARREIRA.

VIDA CIENTÍFICA

OS ANIMAIS DO SAHARÁ



Variedade de pantera existente no Sahará

O Grande Deserto não é uma imensa e uniforme planície de areia. Tem seus *oasis*, como todos sabem, locais onde a presença de fontes subterrâneas permite a conservação de vegetações arbórescentes e de espécies animais sedentárias. Em alguns lagos, de ano para ano mais pobres porque o Sahará se vai tornando de cada vez mais seco, encontram-se peixes de várias espécies, uns aparentados com os da África Equatorial, outros de origem europeia. A presença destes últimos dá lóros de verosimilhança à hipótese da existência de um grande rio, em épocas remotas, que atravessaria o deserto de sul a norte, para se lançar no Mediterrâneo, e aonde afluiria a maior parte das águas que presentemente se lançam no Níger.

Mesmo excluindo os *oasis*, tem que distinguir-se, no imenso deserto, a parte constituída por dunas, formidável acumulação de areia onde podem enterrar-se caravanas inteiras, e a que reveste outros aspectos: o *reg*, conjunto de terrenos planos donde o vento iliminou todo o elemento móvel, e a *hammada*, constituída por superfícies de rocha, às vezes semeada de calhaus cuja formação se deve ao estalar das rochas por motivo das repetidas e violentas variações de temperatura.

No deserto encontram-se espécies animais em número muito maior do que poderia

supor-se. Descreveram-se 87 espécies de vertebrados, 125 de aves, 58 de reptis, 5 de batráquios e 19 de peixes. Parece que, em idades remotas, a região actualmente desértica do continente africano era sulcada por ribeiras formando lagos em muitos pontos, e que muitas das espécies animais então existentes foram realizando a sua adaptação às novas condições de meio que se lhes iam criando gradualmente. A observação de algumas espécies revela, de facto, caracteres próprios dessa adaptação.

O clima das dunas, *hammadas e regs* é extremamente seco; o vento de grande violência; a diferença entre as temperaturas diurna e noturna consideravel; os raios solares durante o dia abra-

de mimetismo, segundo a qual certos animais tomariam a cor dos objectos em torno dêles, para assim mais facilmente poderem



Bando de avestruzes

ocultar-se dos seus inimigos. Certas observações contradizem essa hipótese: A cor da areia, que é a das gazelas no dorso, de pouco pode servir para as ocultar, visto que o seu ventre, de puríssima alvura, é facilmente visível a grandes distâncias. De resto, a pantera, a sua mais temível inimiga, sente a proximidade da presa pelo seu agudo olfacto. O que defende a gazela é também a agudeza do olfacto, que lhe revela o inimigo, e a velocidade e resistência na carreira.

Essa pantera é a rainha do deserto, visto que os leões só se encontram no extremo sul, nas vizinhanças do lago Tchad. Existem também hienas, chacais, rapozas, estas pequeninas, elegantes, de focinho em ponta e grandes orelhas, amarelas no dorso e brancas no ventre. Viu-se já o crocodilo, uma ou outra vez, em alguns lagos. Encontram-se muitas espécies de aves, entre as quais as andorinhas, e os avestruzes tendem a desaparecer.

Finalmente, tem o homem que atravessa o deserto, de contar com as serpentes venenosas, inimigos bem mais perigosos do que os carnívoros.

São as víboras, principalmente, e a *naja*, que podem medir mais de dois metros de comprimento.

Animal util é o chamado cavalo do deserto, o dromedário, espécie de camêlo de uma só bossa onde faz reserva de alimentos e de água. Foi com êle que o homem primeiramente devassou os mistérios do Sahará.

Presentemente, trata-se de adaptar os automóveis para a exploração do deserto.

Uma serpente venenosa, a *naja*, tendo na boca uma pequena raposa

Alguns afrontam-no, como os antílopes e as gazelas, animais corredores, capazes de percorrer grandes espaços em busca de água ou de alimentos, e passando de um para outro *oasis*. Em algumas espécies de reptis tem-se notado que os adultos fogem do sol e que os novos o afrontam destemidamente.

O camêlo e o avestruz tem patas largas que lhes permitem a marcha na areia sem perigo de se enterrarem. O pé largo, chato e elástico do camêlo alarga-se sobre a areia movediça e molda-se às asperezas rochosas da *hammada*. Alguns lagartos movem-se na areia como peixes nadando na água.

Predomina nos animais a cor amarela. Isso foi atribuído a uma propriedade conhecida pela denominação



Rebanho de gazelas

LIVROS E ESCRITORES

De uma árvore desprende-se uma folha, que foi cair num lago, mal lhe roçando a superfície espelheira: se reflexos houve na face das águas, logo de continuo a tranqüilidade ali voltou. Pois, talvez ainda seja bem menor a impressão causada, neste nosso apático tempo, pelo aparecimento dum livro, mesmo que dêle rebente talento por todos os poros. Segundo parece, as atenções acham-se polarizadas em outros problemas, deserto graves, mas que ninguém sabe dizer quais sejam; há uma enorme pressa de caminhar, não se descortinando, porém, para aonde; pesa em todos os nossos actos e gestos uma mortal fadiga, de que se não viu ainda, nem provavelmente se verá, jeito nem proveito.

Saíu mais um livro? Deixá-lo sair! Quando muito, condescende-se em lê-lo, no intervalo de dois bocejos. E passa-se adiante, sem um comentário mais vivo a seu respeito, sem um indício sequer de acôrdo ou repulsa pelo seu teor. E, tal como sob os escombros de uma cidade subvertida por um cataclismo, podem ficar em inextricável confusão imundices e preciosidades, turbidos de ónix e ouro enterrados em canos de esgôto, fúlgidas espadas de heróis enclavilhadas em poídas muletas de mendigos, suntuosas vestes de brocado de mistura com a rude estampanha dos pastores, — assim também, sob a indiferença que os leitores desta época não occultam, os livros de mérito acamaram, em indigna promiscuidade, com os livros insignificantes. Pelo menos, tanto se festejam, em regra, uns como outros: em qual dos casos é pouco o dinheiro gasto em foguetes...

Porém, há pouco, duas das nossas grandes figuras literárias, Raul Brandão e Teixeira de Pascoais, tiveram o poder traumático de sacudir fortemente esse marasmo, produzindo este fenómeno hoje tão espantosamente raro: a publicação dum livro discutido. Há já semanas que *Jesus Cristo em Lisboa*, obra por êles escrita de parçaria, appareceu, e ainda se mantém acesa em sua volta a polémica. Graças, graças lhes sejam dadas por tão extraordinário acontecimento!

O tema da sua tragicomédia — a nosso ver, mais para leitura do que para realização histórica — não é, todavia, novo; muitos outros autores haviam já obrigado Cristo a sair do remanso celestial para vir certificar-se de que o mundo de tudo fez caso menos dos seus ensinamentos. Mas, na verdade, o assunto, na obra de Raul Brandão e Teixeira de Pascoais, adquiriu originalidade de pormenores e, sobretudo, um singular acento de sarcasmo. Com ela, os dois mestres da nossa literatura puzeram a nú os póderes da sociedade contemporânea, entre a qual um Deus que teima em pregar a pobreza e a castidade não pode deixar de ser um intruso. A pintura é cruel, mas exacta. E Cristo, repellido por todos, é de novo crucificado, aqui em Lisboa, no meio do Terreiro do Paço, entre as váias da turbamulta, que, se ainda conserva nos templos a sua imagem, a quem adora de corpo e alma é a Satán, mais seu amigo porque lhe não nega as riquezas e os prazeres para que sempre propendeu a imperfeita natureza humana.

Tem também valor de panfleto contra os degenerados costumes de hoje o livro *Contra a maré*, compostos de crónicas e contos, alguns destes dialogados, do sr. dr. Campos Monteiro. Como na *Moeda Corrente*, volume da mesma indole, o autor escarpeliza nestas páginas muitos dos vícios da gente que af nos acotovela a cada passo. Moralista cujo processo favorito é a ironia, dom constitucional da sua pena, notável é a destreza com que êle traça o perfil das mais típicas figuras deste nosso tempo de idiotas e perversos, entre os quais os de mente e moralidade são andam como náufragos. Concisa, brilhante, assida sem esfôrgos, cada uma dessas situações, sob a sua descida intenção humorística, insinua um correctivo. O que pode, porém, succeder é já não surtir efeito a terapêutica, tal como o iodo em

pele encortçada, onde, por mais que se aplique, já não arde.

Tão abundante é agora a literatura infantil que em tôdas as nossas crónicas apparece sempre um ou mais trabalhos do género a requerer alistamento. Hoje são dois: *Florinhas de S. Francisco contadas às crianças* e *O Palhaço Francês*. Este pertence à *Biblioteca dos Pequenos* e foi escrito por Maria Helena, poetisa já conhecida pelo seu livro *Amanhecer*, tendo Eduardo Malta como colaborador artístico. Em cada uma das pequeninas peças em verso que o formam há um ensinamento moral expresso com singleza, pelo que o voluminho está apto a ser confiado às crianças. Naquelle, de mais tomo e alcance e responsabilidade, ressurge-nos um nome, também feminino, que já anteriormente dera à gente miuda dois belos livros: *Contos e Lendas da Nossa Terra* e *Barquinhos de Papel*: Maria da Luz Sobral. No livro de agora, que é um mimo mesmo no seu aspecto gráfico, a autora mostra ainda mais acuradas as suas excelentes faculdades para



Dr. Campos Monteiro

essa espécie de escrita. Com que ternura ella se põe aqui a contar aos pequenitos a história dêsse grande espirito que enchen Assis de compreensíveis milagres e soube remoçar a doutrina cristã, ressequida pela palavra hipocrita dos que, dizendo-se seus servidores, mais a exploram do que a servem! E como S. Francisco foi, sobretudo, um poeta, Maria da Luz Sobral encheu de poesia estas páginas, mas poesia communicativa e simples como a que inspira a todas as almas, ainda as mais insipientes, a alegria clara do sol. Nas gravuras e vinhetas que amindê animam o texto também houve inteira felicidade. Feitas a traços largos, por Raquel Roque Gameiro Ottolini e Rui Roque Gameiro, interpretam com exactidão os dizeres do poema, pois, na verdade, de poema em prosa se trata. Touxe-nos à idéa esta obra aquella de Gomes Leal que ninguém deve deixar de ler a seus filhos, *A história de Jesus contada às crianças*: em ambas a bondade é apontada como lição e exemplo, e se a figura de Cristo pintada na primeira nos fica para sempre a viver no espirito, a de S. Francisco, que passa, sempre em plena luz, na segunda, aparenta-se-lhe em beleza. De entre os muitos livros oferecidos nestes últimos tempos aos leitores infantís, sem hesitar apartamos este, como um dos melhores, — este e o de Carlos Amaro, *S. João subiu ao trono*, referido na crónica anterior.

Já que estamos com a mão na massa da literatura saída de penas femininas, falemos do último livro de Fernanda de Castro: *Jardim*. O talento bem firme e multifacetado da autora

dá-nos nêle uma hora de encantamento. Que ondas de luz e de sandável aroma de flores naturais despede cada uma das poesias aqui dispostas, como canteiros num formoso jardim de verdade! Que sabor a sol, a vida, a alegria de amar nessas estrofes, tão diferentes das plangências que tão frequentemente vemos rimadas pelos nossos poetas! Livros assim confortam, dispõem-nos bem, tonificam-nos o espirito.

D. Maria de Cabedo assina o livro *Fantasia e Realidades*, que teve o sr. dr. Alfredo Pimenta a prefaciá-lo. Recordações, devaneios, sonhos, alternando como páginas daquelle teor, a delicadeza do espirito da autora nem um momento sequer se desmente. É uma leitura amena, repouante, por vezes cortada de vãos líricos e sempre transparente na escrita.

Temos poucos romancistas, e mesmo novelistas, de sáias.

Certo é que, na hoste máscula, o seu número não é por aí além. Mas as mulheres, parece que ainda fogem mais do que os homens a trabalhos literários de grande architectura: preferem os labores miudos, que as sentam da longa fixidez de atenção num mesmo assunto. Mas isto não obsta a que de quando em quando appareça sua tentativa no género, vinda do campo feminino. Aqui temos duas: *Eva Dolorosa*, assinada por Léo, e *O Despertar de Rosa Maria*, de Helena Bianchini. Aquella novela, de ambiente elegante, narra-nos o destino infeliz duma mulher, com alguns traços de psicologia curiosos. Pena é o enredo ser tão frágil. No *Despertar de Rosa Maria* há, se o nosso instinto nos não engana muito, também o despertar duma romancista de belas faculdades. O estudo da alma desabrochante da protagonista, sdezasete anos inexpressivos e desclassificados, que já não eram de criança, sem que, por isso, fossem já de mulher... é feito com muita perícia. Já a escolha do cenário foi acertada, por fugir no que é trivial na maioria dos romances: umas Termas em início de exploração. E além da figura de Rosny, a irrequieta pueça, há outras muito bem desenhadas, como a de Alexandre, Miss Lílian, o dr. Portalegre, etc... Enredo sem complicações, sem maldade, sem adultério, — Júlio Denis, que foi um santo que escreveu romances, lhe deite a sua benção! O volume abre com prefácio de Norberto de Araujo. Pois, sendo norma os prefaciadores, ao levarem os afilhados à pia baptismal das letras, encharcaram-nos da água do elogio, ao ponto quasi de êles ficarem tolhidos da respiração, aqui não se deu tal: Norberto de Araujo foi excessivamente cato na sua apresentação de néfita. O *Despertar de Rosa Maria* podia bem com palavras de mais decidida fiança.

Rocha Martins, fecundo e pontual como ninguém, aqui nos dá um novo tomo da sua coleção dos *Grandes Amores de Portugal*: é o *Desvario de Rainha*. D. Tareja, Fernão Peres de Trava, «homem de guerra e de amor», D. Afonso Henriques, fundador da nacionalidade portuguesa, o episódio da suprema firmeza na palavra dada consubstanciada em Egas Moniz. Com este assunto, que nada perde em ser mais uma vez iluminado, Rocha Martins despediu da sua pena vertiginosa mais uma pequenina obra digna de apreço.

A Casa dos Móveis Dourados é o mais recente livro de novelas de Ferreira de Castro, êsse escritor que, não obstante ser muito moço ainda, já conquistou um nome brilhantissimo como novelista, género seu predilecto.

De três peças se compõe o volume: a que lhe empresta o título, *A cortês da rua honesta* e *O ódio da proscrita*. As duas primeiras, sobretudo a segunda, são as que preferimos. Boa observação, psicologias certas, scenários pintados com exactidão. Se bem que *O Vão nas Iruvas* seja um livro mais forte, êste não desloca em nada o autor da reputação que vem vindo conquistando, livro após livro.

Há mais um livro inscrito no
CONCURSO LITERÁRIO

aberto pela ILUSTRAÇÃO entre os Romancistas e Novelistas Portuguezes: é o romance *O DESPERTAR DE ROSA MARIA*, assinado por Helena Bianchini.

A PROPÓSITO DA 8.^a EDIÇÃO DO ÚLTIMO LIVRO DE ANTERO DE FIGUEIREDO

Não há licôr que exalte os sentidos, e dê à visão das coisas e das pessoas a medida transfiguradora do devaneio, como o vinho capitoso da lenda. O que a história diz, naquêlê dizer documentado e solêne dos enunciados eruditos, ouve-se quási a frio, quási na calma curiosidade da visita obrigatória a inertes espécimens de museu. Já assim não é com o que nos diz a lenda. A lenda apresenta-nos as coisas vestidas pelo figurino sedutor do mistério. A lenda revela-nos as pessoas enfeitadas sob o halo fulgurante do sobrenatural. A lenda entrega-nos pessoas e coisas, feitas à sua imagem e semelhança, como se por nós próprios fôssem feitas. Tal como se constituíssem rebentos do nosso sangue e florações da nossa alma, integra-as em nós pela nossa maneira de sentir, torna-as vivas na evocação de cada um através dos seus ólios e dos seus amores. E assim, despertando-nos o instinto ináto do maravilhoso, açulando-nos a tendência atávica para o sobrehumano, enchemos o espírito e o coração de ternura ou rancôr pelas suas lucilantes miragens.

Por isso, D. Sebastião, o infortunado rei português morto em batalha com as algaras mouriscas de Molei-Moluco, em 1578, nos areais calcinados de Alcácer-Quibir, é de todos os nossos reis o mais presente na alma do povo português.

A lenda tomou conta da sua fígura mística e guerreira, tornou-a símbolo de aspirações e ansiedades gerais, erguendo-a ao altar de grandes e pequenos.

Ele, o rei herói, êle, o rei santo, espécie de Galaaz dos romances de cavalaria medieval, corpo afeito à castidade e alma dada à valentia, não podia ter morrido sob o ferro herático da mourama. Pelo que, havia de voltar à sua terra, à sua pátria, com a sua armadura de campeador e o seu peito de luziada, numa manhã indecisa de nevoeiro.

Esta lenda popular, dando lugar ao chamado «sebastianismo português», manteve-se viva na crença das gerações através do reinado dos três Filipes de Espanha, ao longo de quasi dois séculos de restauração brigantina, exaltando-se, reflorescendo no momento em que os soldados de Bonaparte assolaram o territorio pátrio e crucificaram a alma nacional.

Dêsde essa data recuada, dêsdê Alcácer-Quibir, não desceu sobre o país desgraça ou aflição, que o nosso povo não arregalasse os olhos doloridos para as bandas do mar, a ver se da nevoa das suas dôres surgia o vulto redentor do rei amigo e valoroso.

Foi em redor da sombra longínqua dêsdê nobre rei Artur, morto de espada na mão nos adustos areais africanos, entre brados por Santiago e gritos por Allah, que uma campanha inerente, de idealistas e positivistas, sacudiu durante mezes, ao apa-

recimento do «D. Sebastião», livro do meu eminente camarada dr. Antero de Figueiredo, os nervos das gentes luzitanas.

Era D. Sebastião um herói? Ou era apenas um louco, impellido para o campo de batalha por longas taras morbidas?

Vários volumes se publicaram debatendo o velho problema. E dêsses volumes, lembrando somente os que mais agitaram o mar bravo da polemica e da paixão, devo citar o «Ensaio» do dr. Antonio Sardinha, chefe ilustre do «Integralismo luzitano», notavel poeta e investigador há pouco prematuramente falecido; o «Desejado», do sr. dr. António Sérgio, nome consagrado de crítico e de polemista; e a «Exortação à mocidade», do sr. Carlos Malheiro Dias, mestre do romance, nessa data apegado ao culto da história pátria.

O volume de Antero de Figueiredo, «D. Sebastião», trabalho definitivo, escrito pacientemente, nobremente, não no intuito fugaz de estabelecer polémica, antes na sêde vascular de ressuscitar uma época, foi afinal, como disse, o centro e o eixo de toda êssa ardorosa refrega.

Obra de história, na nobreza mais aristocrática deste género literário, em que a história se ajusta à Arte, tomando-lhe a forma, a côr e o ritmo, com a sujeição da hera ao tronco a que se encosta, ofereceu-nos todos os aspectos psicológicos do lendário cavaleiro andante, desde aqueles que lhe caracterizam os alvoroços místicos aos que lhe realçam as virtudes patrióticas. Segue um a um os passos da sua vida pura e audaciosa, até à tragédia fulgurante de Alcácer-Quibir, com a pena sempre a arder em labaredas de fé luziada, com o punho sempre dextro no tra-



Antero de Figueiredo

to da linguagem harmoniosa, sem deixar de ser masculina e viril, pois não se prestaria a um tema heroico uma voluptuosa languidez feminina. E de página em página mais eloqüente, de quadro em quadro mais expressivo, alma e coração ao tear da mesma trama, sensibilidade e espírito aliados e entendidos, concerta pano mural de batalha em tudo digno de catedral: — nas linhas componentes e nos coloridos vivazes, na distribuição das massas combativas e no fulgôr das arrancadas belicosas.

Lê-se, ou vê-se, ou ouve-se, ou sente-se o refluir d'aquela Alcácer-Quibir ressuscitada, e os olhos doem-se do reverberô do sol e das armaduras, e os ouvidos queixam-se do estridôr dos gritos e dos ferros, e a bôca queima-se da sêde infernal da canícula e da luta, e quasi nos penetra a sensação física do solo esbrazeado, a tremer...

Ora, para Antero de Figueiredo, um artista dotado da visualidade e da auditiva dos poetas, D. Sebastião é a Edad Media, cavaleira e cavalleiresca, combativa e audaz, florescendo em pleno Renascimento.

Foi dar batalha à Mourama, nos torridos campos africanos, na ânsia de castigar os inimigos da cruz e no sonho de aumentar as prosperidades de Portugal. Não foi ao acaso, porém, unicamente armado de audácia e municiado de impulsos. Meditou e mediu as vantagens políticas da conquista de Larache. Preparou e organizou o seu plano largo de campanha. Mandou lançar pregão de homens e armas em diversos reinos da cristandade. Antes de seguir para a arena da acção com as suas gentes, instruiu-se com elementos de informação directa, indo em pessoa a Marrocos apalpar o terreno e observar os naturais. Aparelhadas as muitas naus da cruzada, colhida para o empreendimento a flôr da nobreza luzitana, juntas as mesnadas de peões arcabuzeiros e de picaria, os terços mercenários de tudescos e os terços de escopeteiros castelhanos; com soldados de Italia e clérigos predicantes, o rei abala na rota da conquista: — na sofredição de equalar e continuar os seus maiores, os que tomaram Ceuta e Arzila, Tanger e Tetuão, — adyinhando os conquistadores de hoje, espanhóis e francezes.

Dá-se a batalha, nos campos arenosos de Alcácer-Quibir, dum lado a curva de crescente e a floresta de lanças dos cavaleiros herbêres, ajudados pelos esmerilhões das bombardas occultos nos milharais; do lado fronteiro os pelotões de fidalgos, as mangas de arcabuzeiros, as mesnadas e os terços do rei de Portugal. E tão consciente, e tão valente batalha é essa, que a bandeira cristã chega a agitar-se ao sopro dos primeiros brados de vitória.

— Vitória! Vitória!

Já a nuvem espessa dos cavaleiros monriscos bate em retirada sob o furacão da arremetida contrária. Já o pânico e a confusão perturbam e desvaíram a massa imensa dos guerreiros de turbante e albornós. Mas, de subito, vibra no espaço um apelo inoportuno, gritado d'entre a vaga escaçoante dos cristãos.

— Têr! Têr! — clama essa voz de maldição, suspendendo o fluxo da maré viva dos combatentes portuguezes, desconcertando e desorganizando a formatura da arrancada. Então, o impeto leonino no ataque trasmuda-se em attitude inquieta de indecisão, in-

suflando ânimo ao desânimo dos mouros, fazendo refluir sôbre os luzitanos indecisos as reforçadas vagas mahometanas, o que transforma a victoria em derrota.

A ala moça dos fidalgos Venturoiros não se deixa ceifar sem destruir. Destroi ainda muitas vidas. D. Sebastião, os olhos azuis relampejando ódio e a face branca escorrendo suor, não aproveita a fuga que alguns dos seus lhe preparam, prefere morrer matando.

— Morrer... mas de vagar! — brada aos que o incitam a render-se, brandindo e apontando a sua espada sangrenta de Galaaz.

E morre, na verdade, retalhado de golpes e unguido de sangue, resgatando na bravura dessa morte linda os êrros possíveis e os descuidos naturais do seu impulsivismo belicôso.

O que aí fica, nessas linhas frouxas, é o verso emaranhado do soberbo pano mural, fremente de vida e alucinante de côr, magistralmente urdido e tecido pelo apurado engenho de Antero de Figueiredo: — que coloca o herói no seu logar, fogacho da alma medieval pela fatalidade apagado na derrota.

Vem de lá, porém, o senhor António Sérgio, põe ao serviço do seu critério positivista o seu alto espírito dialéctico e o seu destemido braço de lutador, e baixa D. Sebastião à categoria dos megalomanos inferiores. Não é um herói — é um imbecil. Não é um anacão — é um morçoço.

Nem viu os perigos da arriscada empresa guerreira, nem previu a impraticabilidade do seu plano de conquista — não atendendo afinal, o sr. dr. António Sérgio às dificuldades recentes de espanhóis e francezes para a efectivação da mesma conquista.

Mas, do campo opôsto, armado cavaleiro, surge na liça o ferro ágil e o braço experimentado de Carlos Malheiro Dias. E Carlos Malheiro Dias, que é um milionário em damascos e gemas de heraldico estilo, muda as vestes ricas de gravador florentino pela toga severa do juiz no pretório, e lava a sua sentença a favor do rei Galaaz, em mercê do rei infeliz.

Ora eu, que sou impetivamente dos da grei sebastianista, que sinto a lenda e o sonho do «Desejado» confundidos no sangue e na alma da minha Pátria, não posso senão conformar-me com a nobre sentença.

E a propósito, fecho os livros, uns e outros, os que estão pelo herói e os que lhe são contrários, ouço a minha memória e o meu sentimento e ponho-me em contemplação.

Lembro-me de S. Luis, rei de França. Grande e virtuoso rei, organizou e commandou a sua desastrosa cruzada ao Egipto, em que tomaram tantos cavaleiros, em que tantos varões illustres ficaram captivos. É fim dêles o senhor De Joinville, que nas suas «Memórias» reconstitue as agruras da derrota e rende homenagens ao chefe desditoso.

Vem-me ao pensamento uma das figuras mais eminentemente representativas da grandezza nacional, o Infante D. Henrique — o maior dos «inclitos infantes». Foi a sua intuição genial de imperialista que encetou as nossas conquistas africanas. A sua pupila dominadora de aguia viu nitida a epopéa formidável dos «Descobrimientos». E nós

sabemos o que resultou da sua ultima sortida guerreira a Tanger, onde foi abatido o seu orgulho de vencedor, onde teve de deixar em reféns o martir infante D. Fernando, seu irmão.

É certo que o Cid, o vulto maximo do Romancero espanhol, não perdeu uma só batalha — vencendo batalhas ainda depois de morto.

É certo que o senhor de Bayard, «sans peur et sans reproche», não sofreu um só desaire, triunfando por vezes do inimigo mercê apenas do prestígio do seu nome glorioso.

Mas, ao contrario, o grande Napoleão de Austerlitz caiu das nuvens nos campos de Waterloo. No entanto, o Napoleão de Waterloo, era o mesmo génio guerreiro, era o mesmo deus das batalhas do triunfador de Austerlitz.

Ou era simultaneamente grande e pequeno — grande pelo activo de Austerlitz e pequeno pelo passivo de Waterloo?

O seu cabo de guerra, «l'enfant chéri de la victoire», o marechal Masséna. Se em vez de começar por Itália, em Rivoli, o seu Capitolo, se se estrasse em Portugal, no Busaco, a sua Tarpéa, eu pergunto se Napoleão o teria desde logo baixado a furriel?

O nosso famoso condestavel Nuno Alvares Pereira, o herói de Aljubarrota, bateu-se ali com um valoroso exército, dez vezes maior do que o seu, em que pela primeira vez appareceram engenhos de guerra ignorados de luzitanos. Não parece mais previdente nem mais valente do que D. Sebastião, cujos preparativos de campanha foram excellentes e que morreu na luta. O que Nuno Alvares teve a mais por si, foi o que faltou inteiramente a D. Sebastião: — a boa estrela.

De resto, todos aquêles que contam no seu activo Aljubarrotas várias, têm na vida pelo menos um Alcácer-Quibir. E com frequência a derrota cai sôbre o nosso máximo esforço, correspondendo a vitória a actos para os quais a não esperavamos.

Seja o que fôr, porém. Eu, acima de tudo, sou português. E como português, num caso de consciência em que são defensáveis duas hipoteses contraditórias, a do rei degenerado e imbecil que se perde e perde a nação por desvaizada cubica; e a do rei cavalleiresco e valente que se afunda e afunda os seus no sonho d'um alto destino pátrio, inclino-me para este. Tenho mais honra em ser consanguineo do herói do que do louco. Ao critério dos negativistas prefiro a crença dos optimistas. Ao libelo acusatório contra a desgraça, em tantos casos muito mais digna de prêmio do que a aplandida ventura, oponho o agravo da minha sympathia, curvando-me respeitavelmente diante do vencido. Pelo que, em vez do grotesco, e baixo, e cego D. Sebastião reconstituído pelo método scientifico de António Sérgio, quero para mim o formoso, o illuminado, o destemido D. Sebastião idealizado pelo processo literário de Antero de Figueiredo — aquêle, vergonha da familia; este, idolo da raça.

E os francezes de hoje, e os espanhols de hoje, uns e outros tão prevenidos e tão valentes, justificam-me splendidamente.

SOCIEDADE ELEGANTE



(Foto San Payo)

MADAME CARLOS BLECK

A FORMOSÍSSIMA SENHORA DA NOSSA SOCIEDADE, ESPOSA DO ARROJADO AVIADOR CIVIL CARLOS BLECK QUE ACABA DE REALIZAR UM FEITO NOTÁVEL COM A SUA VIAGEM DE LONDRES À PALESTINA, EM AVIONETA

A VÊNUS NEGRA

Josefine Baker, desconhecida em Paris há poucos anos quando ali chegou, «estrêla» da discutidíssima *Revue Nègre* que assombrou a *Cidade Luz*, no «Champs-Élysées», obteve um tal sucesso pessoal que implantou em Paris e conseqüentemente no mundo a moda dos negros e da arte negra. A mulata do Folies implantou a barbarie nas bochechas da Europa civilisadíssima e circunspecta.

Se Josefine Baker, a crioula de formidáveis dotes mimicos, não tem mostrado em Paris o galbo perfeito do seu corpo de ébano desengonçado em danças barbaras, não teríamos visto a Europa invadida pelo *delirium-tremens* do *Black Bottom* reforçado, com força dupla e não saborearíamos a delicia de uma coisa que se chama *Kinkajá!*... Oh tempos ingênuos da gavota e do minuete!



Triunfante no «Folie-Bergères» e nos cinemas de todo o mundo, Josefine é rica, adorada e casada com um vago aristocrata. Mas Josefine põe a corôa à banda, pisca os olhos redondos, como de goraz, e tenta dominar os impérios centrais. A pudibunda Austria expulsa a Venus Negra. É a primeira derrota que sofre este novo Atila, flagélio da dança que assola o mundo com o seu prestígio. Será o declínio da hegemonia do batuque?

(Fotos Manuel Frères exclusivas para «Ilustrações»)

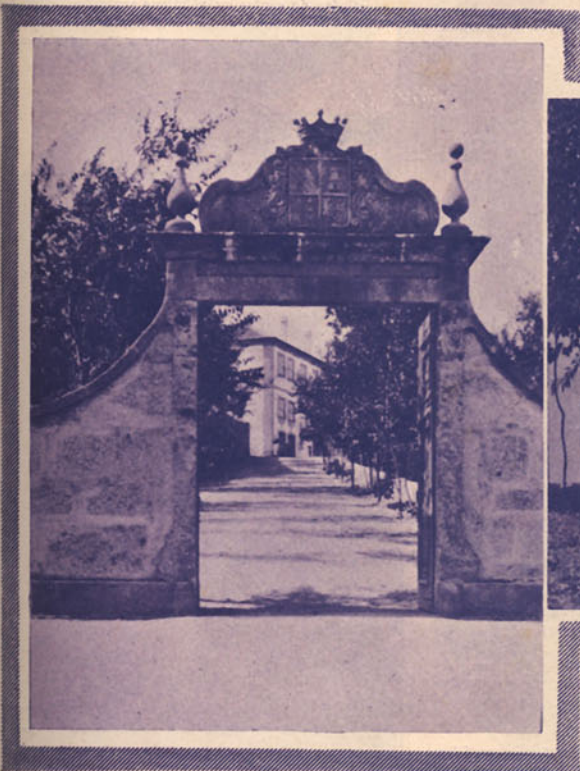
A CASA PORTUGUESA

CASA DA PICOTA

DATA DO MEADO DO SÉ-
CULO XVIII ESTA CONSTRU-
ÇÃO CUJO INTERESSE PRIN-
CIPAL RESIDE NA LINDA
CAPELA DA INVOCAÇÃO DE
SANTA ANA. ESTÁ SITUADA
NA ESTRADA DO TORRÃO—
CONCELHO DE MARCO DE
CANAVEZES—E FOI RESI-
DÊNCIA DA FAMÍLIA CAR-



VALHO E MELO DA PICOTA, CUJO ÚLTIMO REPRESEN-



TANTE, DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES, A LE-
GOU AO SEU ACTUAL PROPRIETARIO

F E M I N I N A

MODAS
DE
PRIMAVERA

CHAPEUS
E
VESTIDOS



EM CIMA: — Criação Cora Marson. Boína de veludo negro sobre uma barra de malha de prata



EM CIMA — Originalíssimo chapéu de Cora Marson em laçat envernizado, setim laçado e musselina de seda. Galho de ouro

EM BAIXO: — Criação de Phillip et Gaston em volle de seda marfim, motivos ornamentais em strass e rubis

(Fotos Manuel Frères)



EM BAIXO: — Vestido de Phillip et Gaston em finas de contas ou vidrilhos prateados, sobre túnica de crêpe georgette vieux rose

(Fotos Manuel Frères)



EM CIMA: — Capelina bakou em tom Itália velho. Dos lados negro, prata e verde. Fita gros-grain verde e preto. Modelo Cora Marson

AO CENTRO: — Criação Lewis. Capelina bakou verde, com roseta em escossês verde

EM BAIXO: — Outra criação Lewis em feltro bege rosado e Jersey do mesmo tom

(Fotos Manuel Frères)





A ESQUERDA: — Criação de Martial et Armand em crêpe da China rosa pálido dois tons
(Foto Manuel Frères)

NO MEDALHÃO, à direita: — Toque de picot gris andorinha, copa de minoches gris, criação de Cora Marson
(Foto Manuel Frères)



NO OVAL, ao centro: — Criação de Jean Magnin.
— Casaco em setim negro com godets
(Foto Manuel Frères)



NO MEDALHÃO, à esquerda: — Chapéu em tagal azul chumbo com fita de fitilho entrançado azul e branco
(Foto Manuel Frères)



EM BAIXO, à esquerda: — Vestido de passeio em crêpe da China vermelho velho, estampado de margaridas. Criação de Flavius
(Foto H. Manuel)

EM BAIXO, ao centro: — Criação Redfern. Ensemble grêco em cinzento e stête negro
(Foto Manuel Frères)

EM BAIXO, à direita: — Vestido de passeio em crêpe setim negro e enfeites orquídea, criação de Flavius
(Foto H. Manuel)



CINEMA TOGRAFIA

O ARQUIDUQUE E A DANSARINA

mentos das operetas célebres, seguiram-se-lhe os argumentos do mesmo tipo, um dos quais, *O arquiduque e a dansarina*, vamos dar a conhecer como muito original e interessante.

Viena de Austria, antes da guerra, conheceu vários tipos interessantes. Um dêles foi o *Arquiduque das dansarinas*, parente da casa real e que tinha em mais aprêço o corpo de baile da ópera do que o corpo de exército que comandava. Era público e notório que o jovial nobre, ao dispensar a sua protecção a qualquer dos corifeus do corpo de baile, lhe dava um anel de esmeraldas que lhe servia de insígnia e lhe atraía as atenções, a devoção mesmo, de todos os aduladores e cortezãos do arquiduque. Na escola de dança havia surgido, obscuramente, a pequena Gustla, humilde mas formosíssima e sonhando um impossível sonho de glória.

O conde Hohenstein, ajudante de campo do arquiduque, um belo rapaz, conhece por acaso Gustla, num encontro fortuito de rua e apresenta-se-lhe com o nome de Poldi, caixeiro de modas, esboçando-se entre os dois um suave e casto idílio.

Mas um dia, a humilde Gustla vê-se em plena aventura sem o ter sonhado. Tendo acordado tarde, vai a correr, aflitíssima, para não faltar ao ensaio, quando um cavalheiro muito elegante lhe oferece o seu carro para a levar. E assim, sem o saber, a pequena Gustla entra nos bastidores da Ópera em companhia do... *Arquiduque das Dansarinas*.

O mestre de baile que se preparava para a despedir, ao ver



Esboçou-se um idílio...

A cinematografia austríaca enverda por um caminho muito curioso. Lembrando-se do êxito que em todo o mundo obtiveram as suas operetas vieneses, tenta, nos seus filmes, reproduzir historietas entre joviais e românticas, de verosimilhança embora discutível mas sumamente agradáveis, pelos meios luxuosos em que se passam, pela picardia dos seus tipos e pelo seu ar de verdadeiro divertimento, que tanto as faz distinguir das pesadas elocubrações alemãs destinadas a sugerir no espectador sentimentos que vão muito além da diversão fácil que o público, com certa lógica, pretende tirar do cinema. Esgotados os argu-



Gustla era uma ingénua dansarina do corpo de baile...



O ciosinho resguardava Gustla das acometidas do conquistador...

que ela vem com o célebre aristocrata julga-a a favorita do momento e desfaz-se em contumélías, e os cortezãos e aduladores, que desejam ser, por tódas as formas, agradáveis ao grande e poderoso senhor, intrigam para que se dê a Gustla o lugar de primeira bailarina. As companheiras desta felicitam-na pelo seu triunfo súbito, mas em vão procuram descobrir o anel de esmeraldas tradicional, distintivo das preferências do galante arquiduque, que, por sua vez, tendo procedido sem maus pensamentos ao levar Gustla ao teatro, não sabe do que se passa. Só percebe tóda a intriga quando vê anunciada uma nova «estréla de baile» e lhe dão a entender, para o adular, que foi a tal posto promovida por ter a sua protecção. Julgando tratar-se dum embuste de alguma aventureira, o arquiduque, furioso, corre à Ópera para a desmascarar, mas ao ver que a nova «estréla» é a pequenita que lhe levou no seu carro por simples galantaria, nada diz para a não prejudicar e, risonhamente, deixa correr os boatos de escândalo que já circulam.

Mas na cõrte, tal ligação contraria toda a gente e para obstar a ela mandam o arquiduque para Prossnitz, comandar um corpo do exército, em manobras. Mas o arquiduque quer levar ao fim a aventura em que se encontra metido e manda o ajudante de campo levar o anel a Gustla e acompanhá-la ao campo de manobras após o espectáculo. Mas o conde Hohenstein vai encontrar na primeira bailarina a sua pequena Gustla e esta vê nêle o seu cai-

xeiro Poldi. O ciúme de ambos, o despeito dos dois é tremendo mas o barão de Bücklingen leva Gustla a entrar na sala onde o arquiduque a espera e põe o enamorado ajudante de campo no vestíbulo. Então o garboso rapaz começa a ouvir a voz de Gustla proferindo tóda a sorte de palavras ternas e supondo-as dirigidas ao arquiduque, manda dar o alarme no acampamento. Reconhece-se o engano pois as palavras eram dirigidas ao ciãosinho e por fim... casam os dois enamorados.

É até o arquiduque ganhou porque o extemporâneo sinal de alarme, prevenindo-o dum ataque do adversário, o consagrou grande tático militar.



Promoveram Gustla a «estréla»...



O bom arquiduque das dansarinas...

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



AO CESSAR DA FAINA, NO TEJO

(Foto M. Novais)

A TERRA PORTUGUESA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

III — JARDINS BOTANICOS — O JARDIM COLONIAL



Erythea armata S. Wats, um lindo exemplar do Jardim Colonial



Um curioso exemplar de *Yucca*.

bre e de má vontade orçamental por pouco lhe não liquidava, há tempos, custosas coleções e plantas raras: hoje, porém, e depois que as próprias colónias se interessam pelo custeio das despesas, convencidas da utilidade da instituição, os ventos sopram mais fagueiros e aqueles que visitem o jardim, mesmo os exigentes, encontrarão nele motivo de íntima satisfação ao verificar a obra feita.

Na mesma propriedade, ao cimo da cerca, no antigo palácio do Pátio das Vacas, de uma grande pureza de linhas, encontra-se, irmão gêmeo do Jardim Colonial, um outro padrão do honrado esforço do professorado agrónom-



Tepidário n.º 2

mico, o Museu Colonial, rico de coleções e rico de bom gosto pelo dispositivo adoptado. Fica bem de suas janelas nobres, olhando senhorialmente o Tejo, e tendo cêrca os Jerónimos e a Torre de Belém, associar passado e presente e verificar a linha ininterrupta da tradição colonial portuguesa. Aqui estão, de facto, laboriosamente recolhidos, sob a direcção do Prof. Melo Gerales, todos os espécimens da produção multimoda dos nossos extensos domínios e fóra, também, no Jardim, um pequeno quadro — e como fazê-lo maior — da flora geradora de tais riquezas. Bordando as ruas as palmeiras são a regra, com representação dos mais variados tipos; e é bom dizer-se que estão aqui no seu lugar próprio, e não, como é habito dos nossos jardineiros — a senhora CÀ-

mará à cabeça do rol — quando colocadas a esmo pelos jardins da cidade, imprimindo-lhes uma côr da qual pode, talvez, dizer-se, como da que ostenta o rosto de muitas damas transeuntes, que é feia porque é falsa, e falsa porque é feia! — Repare-se, por exemplo, em abão desta pontinha de crítica, no jardimzinho de Santos, a fingir de oasis no deserto do Aterro; bem se esforçam, na sãssão própria, os canteiros peçados de flôres o afirmar ao passante que estamos em terra europeia; as palmeiras é que dominam e são elas que impõem, finalmente, carácter e dão um cunho à vegetação que não é o mais concorde com a latitude de Lisboa.

Merecem atenção especial as estufas do Jardim, umas aquecidas artificialmente, outras naturalmente, onde se acumulam — é o termo — num arremêdo da exuberância tropical as espécies mais exigentes. Uma destas estufas, por exemplo, contém uma coleção de «Caféseiros»; outra é destinada à cultura dos ananazes — e é agora o quadro açoriano, micalense, que se evoca diante de nós.

Trata-se, em suma, de uma obra pela qual o público, especialmente o colonial, tem o dever de interessar-se.

AZEVEDO GOMES.

No estudo e aperfeiçoamento da flora podendo interessar um país, continuam desempenhando um papel importante os jardins botânicos; e isto sem falar do significado educativo que lhes pertence, como mostruário das mais variadas plantas, forma de utilização em que serão sempre indispensáveis para um país civilizado.

Dos jardins botânicos portugueses, aqui falaremos também, começando hoje por chamar a atenção dos leitores para o Jardim Colonial de Lisboa, que, disso estou certo, muitíssimos desconhecem.

No «Guia de Portugal», 1.º volume, excelente publicação nunca assás reclamada, que a Biblioteca Nacional editou sob a direcção de Raúl Proença, estão referidos os dados históricos capitais podendo servir, do ponto de vista da localização actual do Jardim, a enquadrá-lo na série rica de monumentos que o passado nem sempre remoto nos legou, na pedra como na terra, com mosteiros, palácios e quintas nobres, nos sítios privilegiados que ficam entre Belém, Junqueira e os Altos da Ajuda.

Há pouco, em separata da revista «Broterias», o Prof. José de Almeida, director do Jardim, publicou também uma notícia descritiva cuja leitura despertará, pelo menos, o interesse de uma visita.

O nosso Jardim Colonial está instalado, desde 1914, na antiga cerca do Palácio de Belém, para aqui transferido do Jardim das Larangeiras onde, a partir de 1907, primeiramente existiu. É, pois, uma instituição nova, nascida, num momento de lucidez, da ideia utilíssima da criação, no Instituto de Agronomia, do ensino agrónomico colonial e do fomento da agricultura de alémar, a promover em bases científicas. A sua curta vida tem sido agitada; uma crise de po-

que estão aqui no seu lugar próprio, e não, como é habito dos nossos jardineiros — a senhora CÀ-



Placa de entrada e grande lago

ARTISTAS DESAPARECIDOS

JÚLIO PIETRA TORRES

Quando, em fins de 1923, o Renascimento Musical iniciou a sua campanha nacionalista com a série de Concêrtos Históricos realizada na Liga Naval, em que se mostrou a largos traços a evolução da nossa música desde os tempos mais remotos até ao período contemporâneo, se houve quem duvidasse do bom êxito duma tal tentativa, houve também, graças a Deus, quem, de alma e coração, enfileirasse ao lado dos que, animados do mais sã entusiasmo, proclamavam a existência duma arte musical portuguesa bem digna de ser conhecida e estudada neste momento decisivo na vida da Nação.

Júlio Pietra Tórres, o saudoso artista que a morte acaba de surpreender na Alemanha no desabrochar de uma mocidade cheia de promessas, foi então para nós mais do que um amigo: foi um cooperador dedicado como nenhum outro.

Vimos, pois, cumprir um dever de gratidão, lembrando hoje aqui o nome dêsse excelente camarada.

Como compositor e pianista, Júlio Tórres afirmou sempre a aguda sensibilidade do seu finíssimo espírito. Da sua obra musical, ainda totalmente inédita, só foram revelados ao público alguns curtos fragmentos — dois Sonêtos para canto e piano, e um poema, «O Moíinho», interpretado pelo próprio autor num dos concêrtos de música portuguesa realizado na Academia de Amadores de Música em 1926. Todos os que assistiram a êsse serão nacionalista podem atestar a elevada inspiração e a maleabilidade técnica do jôvem compositor que até então fôra discípulo de Tomás Borba.

Em piano trabalhou sucessivamente com a sr.^a D. Maria Henriqueta D'Korth — com quem começou os estudos aos 5 anos de idade, — com a sr.^a D. Ernestina Tavares Cardoso, com Timóteo da Silveira, e por último, desde os 17 anos, com José Viana da Mota.

Júlio Tórres, assimilando as lições de tais mestres, soube desenvolver aquilo que nenhum dêles lhe poderia dar: o poder de criação pessoal que dava às suas interpretações um carácter inconfundível. Em Munich, onde completava actualmente os seus estudos na companhia do dr. Ivo Cruz, director do Renascimento, o nosso querido camarada trabalhava sob a direcção do chefe de orquestra

Ricardo Mors, na composição, e de Penbour, no piano. Com o desaparecimento de Júlio Tórres perde-se um dos mais seguros valores da geração nova; mas não se perderá, de certo, o seu exemplo de artista honesto e cheio de simplicidade, que há de ser sempre lembrado e seguido pela mocidade portuguesa.

EDUARDO LIBÓRIO.

Director do Renascimento Musical



Júlio Pietra Torres



OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE BOTELHO)

ADELINA ABRANCHES

A vencedora de todos os «récorde», dentro dos domínios da arte, em todos os campos e «rings» do talento histriónico.

Multiforme e elástica, como um fenómeno de lenda ela tem na alma o ferrete de todas as dores e nos lábios o trejeito de todos os risos.

Domina a lágrima e a gargalhada com igual energia e inteligência igual.

Ninguém diria, ao vê-la tão pequena e tão frágil, antes de ser tocado pela magia do seu talento, que ela tivesse lá dentro uma tal força dominadora que irradia dela para

A ILUSTRAÇÃO APROVEITA ÊSTE ENSEJO QUE SE LHE OFERECE, DE PRESTAR AS SUAS HOMENAGENS À GRANDE ARTISTA ADELINA ABRANCHES, GLÓRIA DA SCENA PORTUGUESA, ASSOCCIANDO-SE, NA MEDIDA DE SUAS FÔRÇAS, MAS ENTUSIASTICAMENTE, À CONSAGRAÇÃO QUE LHE É FEITA PELOS VALORES INTELECTUAIS E ARTISTICOS DE PORTUGAL.

seu envolvero, melhor se expande nos papéis intencionalmente dramáticos, onde há muita máguia e muita dôr. E ninguém como ela compreende a alma da mulher humilde, que se sacrifica com um sorriso nos lábios, chora baixinho e se esconde para sofrer.

Mas, seja qual fôr a espécie de teatro a que as exigências da vida a entreguem, Adelina é sempre a grande Adelina.

Quer se exhiba num palco illustre ou num palco modesto, numa sala luxuosa ou numa pobre sala, Adelina nunca desce. O seu prestígio tudo engrandece e tudo faz subir até ela.

ANTONIO SACRAMENTO

Um feito artístico e um tipo à parte, no teatro da nossa terra.

Actor de temperamento maleável, adapta-se inteiramente a qualquer papel. O seu jogo de scena é feito de sinceridade, de mãos dadas com a maior simplicidade de processos.

A sua figura, elegante sem pedantismo, desta elegância natural sem arrebiques, presta-se para as personagens onde se requiera distinção e essa sem cerimónia aparente, que melhor chamaremos desprendimento, que caracteriza a gente de boa sociedade.

A sua voz, um pouco cortante quando começamos a ouvi-la, transforma-se, á medida que a escutamos, n'um timbre que se insinua agradavelmente nos nossos ouvidos, sem perder o som característico que a torna inconfundível.

A voz é um dos predicados que distinguem o orador e o actor predestinado para ficar na memória do público.

O Brasão, os Rosas e Ferreira da Silva tinham vozes que ficavam no ouvido, como as têm Alves da Cunha, Carlos Leal, Alegriim, Erico Braga, Ribeiro Lopes e poucos mais dos artistas que hoje brilham nos nossos palcos.

A última vez que vi representar António Sacramento foi na peça do dr. Ramada Curto, *Justiça!* em que êle punha todos os

seus predicados de actor, onde avultam os que venho citando, ao serviço de um advogado que certamente não envergonharia a toga no tribunal mais exigente.

Como actor é isto: correcção, máxima compreensão da personagem a interpretar, sempre procurando a verdade sem exageros que a turba aprecia, mas que a sua consciéncia artística repele.

Na vida de todos os dias, é uma criatura sem pretensões, de uma grande delicadeza de maneiras, muito amigo do seu amigo, embora naturalmente concentrado, pelo que não perde nada, porque hoje há pouco em



o palco e alastra impetuosa até á alma do espectador que fraqueja e chora ou se alvo-roça e ri com ela, como ela quer e quando quer.

O seu fino paladar de artista provou de todos os accpipes de teatro, desde o «completo» brejeiro da revista, até á grande tirada dramática onde os corações se alucinam e as almas se chocam.

Ela foi a rapariguinha romântica, a vendedeira infeliz do balcão da desgraça como foi a burguesa honesta e a dama altiva cujo olhar pesa como ordem de senhor a seu escravo.

Ela soube ser joven e soube ser velha; soube ser linda e foi lindamente feia. E em todos os géneros foi sempre Ela — inconfundível.

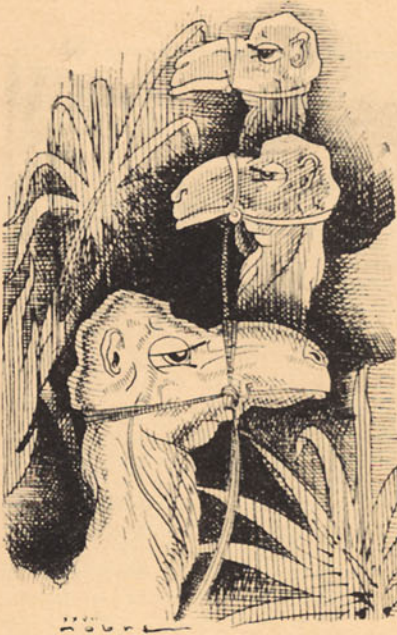
A sua alma, grande de mais para tão pe-

quem a gente se possa fiar, para me servir de uma forma que o vulgo melhor entende e que tem o máximo de expressão na máxima simplicidade.

Para mim, tem Sacramento uma qualidade a mais e que no meu espirito de mulher suplanta todas as outras: É o companheiro de muitos anos de Adelina Abranches e envolve-a carinhosamente numa atmosfera de admiração e de affecto, que consola a grande artista de muitas desilusões que a vida não lhe tem poupado.

Oxalá que os dois continuem sonhando pela vida fora. Ainda não há nada como um peito amigo a quem se possa confiar máguas e onde se encontre uma consolação sincera.

MERCEDES BLASCO.



ATLÂNTIDA

ROMANCE

DE PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

«Daf a um quarto de hora voltava a mulher com êle.

«Oh! Que felicidade! Não lhe faltava senão uma página, a que servira para a limpeza da porta. Sabe o que era aquele manuscrito, aquele caderno? Nem mais nem menos que *A Viagem à Atlântida*, do mitógrafo Denis de Mileto, citado por Diodoro, cuja perda eu tanta vez ouvira deplorar a Bérlioux.

«Este documento continha numerosas citações do *Critias*. Reproduzia o essencial do célebre diálogo, de que o senhor acabou de ver o único exemplar, que ainda existe no mundo. Estabelecia de maneira indisputável a posição do Castelo dos Atlantes e demonstrava que êsse sítio, negado pela ciência de hoje, não fôra submergido pelas águas, como supõem os poucos defensores timoratos da hipótese Atlântida. Chamava-se «Maciço central maziciano». Sabe que já não existe dúvidas sobre a identificação dos *Mazyces* de Heródote, com as populações do Imosenaocn, os Tuaregues. Ora o manuscrito de Denis identifica perentoriamente os *Mazyces* da história com os Atlantes da suposta lenda.

«Dizia-me Denis não só que a parte central da Atlântida, berço e séde da dinastia neptunina, não fôra submergida pela catástrofe referida por Platão, que sumiu o resto da ilha Atlântida, mas que também essa parte correspondia ao Hoggar targui, e que neste Hoggar, pelo menos no seu tempo, se supunha perpetuar-se a nobre dinastia neptunina.

«Calculam os historiadores da Atlântida que fôsse cerca de nove mil anos antes da era cristã que se tivesse dado o cataclismo que aniquilou toda ou parte desta formosa Terra. Ora se Denis de Mileto, que escreveu há pouco mais de dois mil anos, supõe que ainda no seu tempo a dinastia de Neptuno dava leis, era natural que me ocorresse esta idea: o que subsistiu nove mil anos, pode subsistir onze mil. Desde êsse instante, só tive um intento: entrar em relações com os possíveis descendentes dos Atlantes e se, como eu tinha muitas razões de supôr, êles tivessem decaído muito e ignorassem o seu

antigo esplendor, revelar-lhes a sua origem illustre.

«Claro está que não comuniquei o meu intento aos superiores. Solicitar o seu concurso ou simples autorização, dadas as suposições que a meu respeito haviam manifestado, seria certamente arriscar-me a ser encerrado num hospital de doidos. Converti em dinheiro as minhas pequenas economias, e parti à sucupa para Oran. Cheguei à Inglaterra no 1.º de Outubro. Deitado à vontade debaixo de uma palmeira do oásis, regalava-me a pensar que, nesse dia, o reitor do liceu, com a cabeça perdida, sem saber como havia de conter vinte garotos travessos, aos gritos à porta de uma aula vazia, mandava telegramas para toda a parte, à procura do seu professor de história.

Aqui parou o sr. Le Mesge gosando a sua satisfação.

Esqueci-me neste momento de que êle tinha sempre mostrado falar apenas para Morhange, e contra a minha dignidade, disse-lhe:

—Queira desculpar se a sua narrativa me está interessando mais do que eu esperava. Mas bem sabe que me faltam elementos para entender o que está dizendo. Falou na dinastia neptunina, que dinastia é essa, de que, segundo creio, faz descender Antinea? Que papel teve na história da Atlântida?

Sorriu o sr. Le Mesge condescendente, piscando o olho a Morhange, que otvia sem pestanejar, de queixo na mão e cotovelo no joelho.

—Platão lhe responderá—disse o professor.

E acrescentou com indizível expressão de lástima:

«Como é possível que nunca onvisse falar no princípio do Crécios?

O sr. Le Mesge pegou no manuscrito que estava sobre a mesa e que tanta impressão fizera em Morhange. Compôs os óculos, e começou a ler. Dir-se-ia que a magia platônica abalava, transfigurava, aquele velhote ridículo.

Os deuses tiraram à sorte as diferentes partes da terra, e a uns coube uma parte maior, a outros uma parte mais pequena... Assim Neptuno recebeu em sorte a ilha Atlântida, e pôs numa parte dela os filhos que houvera duma mortal. Era uma planície situada no meio da ilha não longe do mar, e que, segundo dizem, era a mais bela e a mais fértil das planícies. A uns cinquenta estádios desta, no meio da ilha, havia uma montanha. Vivia ali um daqueles homens que, no princípio de todas as coisas, nasceram da terra, Evenor, com sua mulher Leucipe. Tiveram uma única filha, Clito. Era núbil, quando seus pais

morreram. Neptuno enamorou-se dela e desposou-a. Depois fortificou a montanha em que ela vivia, isolando-a em tôda a volta. Rodeou-a de cintururas alternadas, de mar e de terra, umas maiores, outras mais pequenas, duas de terra e três de mar, e dispôs-las em círculo no meio da ilha, de modo que tôdas as suas partes ficassem à mesma distância do centro dela...

O sr. Le Mesge interrompeu a leitura:

—Esta disposição não lhes lembra nada? —preguntou.

Olhei para Morhange e vi-o abismado em reflexões cada vez mais profundas.

—Não lhes lembra nada?—insistiu a voz incesa do professor.

—Morhange, Morhange,—balbuciei— não se lembra da nossa corrida de ontem, do nosso rapto, dos dois corredores que nos fizeram atravessar antes de chegarmos a esta montanha... *Cinturas de terra e de mar...* Dois corredores, duas cinturas de terra...

—Oh! Oh! —disse o sr. Le Mesge.

E sorria a olhar para mim. Entendi que o sorriso queria dizer: «Será êle por acaso menos obtuso que eu suponha?»

Parecendo fazê-lo com grande esforço, Morhange quebrou o silêncio:

—Entendo, entendo... As três cinturas de mar... Mas então o senhor supõe na sua explicação, que não contesto ser engenhosa, o senhor supõe ser exacta a hipótese do mar saariano!

—Suponho e provo — redarguiu o irrisível velhote, dando um murro na mesa. Bem sei eu o que contra ela disse Schirmer. Sei o melhor que o senhor. Sei tudo. Porci tôdas as provas à sua disposição. E já esta noite, ao jantar, vai regalar-se com suculentos peixes. E há de me dizer se êsses peixes, apanhados no lago que desta janela pode ver, lhe parecem peixes de água doce.

«Compreenda bem, proseguiu mais sossegado—o erro dos que, crendo na Atlântida, pretenderam explicar o cataclismo em que toda a ilha maravilhosa se sumiu. Todos entenderam que se submergira. Não houve imersão, o que houve foi emersão. Das águas Atlânticas surgiram terras novas. O deserto substituiu o mar. As sebkhas, as salinas, os lagos Tritões, as Sirtes arenosas, são os tristonhos vestígios das ondas movediças sobre que outrora singravam as frotas que partiram para a conquista da Africa. A arcia engole uma civilização melhor que água. Da bela ilha que o mar e os ventos faziam verde e orgulhosa, só resta hoje, êste maciço calcinado. Apenas aqui, bacia de rochedos, para sempre isolada do mundo que vive, subsistiu o oásis maravilhoso que tem a seus pés, com êstes frutos vermelhos esta cascata e êste

lago azul, sagrados testemunhos da idade de ouro que passou. Ontem à noite, para aqui entrar, o senhor atravessou as três cinturas de mar, para sempre sêcas e as duas cinturas de terra, cortadas por um corredor, por onde passou um dorso de camelo, mas onde outrora navegavam tremezes. Nesta catástrofe imensa, apenas se manteve semelhante ao que então era, em seu antigo esplendor, esta montanha que vê, a montanha onde Neptuno encerrou a sua bem-amada Clito, filha de Evenor e de Leucipe, mãe de Atlas, milenária ascendente de Antinea, a soberana em cuja dependência os senhores entraram para sempre.

— Senhor, — disse Morhange com a mais refinada delicadeza — bem natural seria em nós o desejo de nos informarmos dos motivos e do intento desta dependência. Veja, porém, quanto me interessam as suas revelações: esta questão, de ordem particular, guardo-a para outra ocasião. Há poucos dias encontrei numas cavernas uma inscrição tifinar com esse nome de *Antinea*. Logo o tomei por grego, como pode testemunhar o meu camarada. Fico agora sabendo, graças ao senhor e ao divino Platão, que já não devo admirar-me de ouvir dar um nome grego a uma mulher bárbara. Mas quanto à etimologia da palavra, continuo perplexo. Pode esclarecer-me a este respeito?

— Certamente o farei — respondeu o sr. Le Mesge. — E tenho a dizer que não é a primeira pessoa que me faz essa pergunta. Todos os exploradores que tenho visto aqui entrar nos últimos dez anos, tem sido atraídos a este lugar do mesmo modo, pela curiosidade que lhes despertára esse vocábulo grego, escrito em tifinar. Mandeí até organizar um catálogo exacto destas inscrições e das cavernas em que se encontram. Todas, ou quasi todas, são acompanhadas desta fórmula: *Antinea. Aqui começa o seu domínio*. Eu mesmo mandei repintar a ocre uma ou outra que já começava a apagar-se. Mas, voltando ao que eu ia dizendo, nenhum dos europeus que este mistério epigráfico aqui trouxe, tornou a pensar, uma vez que se viu no palácio de Antinea, em averiguar esta etimologia. Outra coisa os preocupava desde logo. A propósito muito se pode dizer acerca do valor que tem as preocupações científicas, mesmo para os sábios, e de como as sacrificam mais depressa aos mais vulgares interesses, aos da própria vida, por exemplo.

— Outra vez falaremos nisto, se lhe apraz — disse Morhange com a mesma admirável cortesia.

— Esta digressão só tinha por fim mostrar-lhe que o não considero como um desses sábios indignos. Com efeito, o senhor insiste em querer conhecer as raízes desse nome de *Antinea*, mesmo antes de me perguntar que espécie de mulher é a que o tem e por que motivo os senhores são seus prisioneiros.

Olhei fixamente para o velhote. Falava com a maior seriedade possível.

«Tanto melhor para ti — pensei eu. — Senão, mandava-te pela janela fora ironisar à tua vontade. A lei da queda dos corpos não deve sofrer alteração no Hoggar».

— O senhor — continuou, imperturbável, sob o meu olhar arcaente, e sr. Le Mesge, dirigindo-se a Morhange — certamente devia ter formulado algumas hipóteses etimológicas quando pela primeira vez encontrou esse

nome de Antinea. Vê, acaso, inconveniente em mas comunicar?

— Nenhum — disse Morhange. E lentamente foi enumerando as etimologias a que já me referi.

O homemsinho do plastrão encarnado esfregava as mãos de contente.

— Ora muito bem — appreciou êle — muitíssimo bem, pelo menos para os medíocres conhecimentos da língua e das cousas gregas que o senhor há de ter. No entanto, todas essas hipóteses são falsas, falsíssimas.

— E por eu já desconfiar que lhe fiz a minha pergunta — disse plácidamente Morhange.

— Não o farei esperar mais — disse o sr. Le Mesge. A palavra *Antinea*, decompõe-se da seguinte forma: *ti* é uma intrusão bárbara neste nome, essencialmente grego; *ti* é o artigo feminino berbere. Temos vários exemplos desta mistura. Vêja o de Tipasa, a cidade do norte de África. O seu nome significa a *inteira*, de *ti* e *pas*. No nosso caso, *linea* quer dizer a *nova*, de *ti* e *nea*?

— E o prefixo *an*? — perguntou Morhange.

— O senhor, — replicou Le Mesge — pois é possível que eu me tenha estado a cansar uma hora a falar-lhe de Crécios, para chegar a tão mesquinho resultado? É por certo que o prefixo, por si só, não tem significação; mas o senhor vai compreender que a tem, desde que eu lhe diga que há aqui um curiosíssimo caso de apócope. Não se leia *an*, mas *atlan*, com *ati* por apócope; substituiu *an*. Em resumo, Antinea decompõe-se deste modo: *Ti — n* é a. — E a sua significação, a *nova atlante*, sai deslumbrante desta demonstração.

Olhei para Morhange. O seu espanto não tinha limites. O prefixo berbere *ti* fizera-o cair das nubes.

— E teve ocasião de verificar a exactidão dessa engenhosa etimologia? conseguiu finalmente proferir.

— Basta-lhe correr pela vista estes livros — disse o velho com desdém.

E foi abrindo cinco, dez, vinte armários metidos nas paredes. Uma biblioteca prodigiosa se accumulou diante de nós.

— Tudo, tudo, aqui há tudo! — murmurou Morhange com espantosa inflexão de terror e de admiração.

— Pelo menos tudo que merece a pena consultar — disse Le Mesge. — Todas as grandes obras cuja perda é hoje deplorada pelos chamados sábios.

— E como vieram elas aqui parar?

— Como o senhor me faz pena, a mim que o cuidava ao corrente de certas cousas! Então não se lembra daquele passo em que Plínio, o Antigo, fala da Biblioteca de Cartago e dos tesouros que nela estavam accumulados? Em 146, quando a cidade sucumbiu aos ataques do biltre do Scipião, aquela inverosmil corja de ignorantes a que se chamava o Senado romano, mostrou o mais profundo desprezo por estas riquezas. Fêz presente delas aos reis indígenas. Assim foi que Mastanabal recebeu a maravilhosa herança; passou ela, depois, a seus filhos, Selene, filha da grande Cleópatra e de Marco António. Cleópatra Selene teve uma filha que casou com um rei atlante. Antinea, filha de Neptuno, tem, pois, entre as suas antepassadas, a imortal rainha do Egipto. E aqui está como, por seus direitos hereditários, os restos da biblioteca de Cartago, enriquecida com os da

biblioteca da Alexandria, aqui se encontram, como está vendo.

— A ciência foge do homem. Enquanto êle organizava essas monstruosas Babéis pseudo-científicas, Berlim, Londres, Paris, a Ciência veio esconder-se neste canto desértico do Hoggar. Forjem lá as hipóteses que quiserem, baseados na perda dos livros misteriosos da antiguidade: Esses livros não se perderam aqui.

Aqui estão os livros hebreus, caldeus, assírios. Aqui estão as grandes tradições egípcias de que se inspiraram Solon, Herodoto e Platão. Aqui estão os mitógrafos gregos, os mágos da África romana, os sonhadores da Índia, em suma, todos os tesouros cuja ausência faz que as dissertações contemporâneas não passem de cousas ridículas e destituídas de valor. Pode crer que está bem vingado, o pobre universitário que êles trataram de doído e lançaram ao desprezo. Vivi, vivo e viverei numa gargalhada constante em face da sua erudição falsa e truncada. Depois de eu morrer, o êro, graças às ciosas precauções que tomou Neptuno para isolar do resto do mundo a sua bem-amada Clito, o êro continuará a reinar nos miseráveis escritos que êles produzem.

— O senhor, — disse Morhange gravemente, acaba de afirmar que o Egipto exerceu influência sobre a civilização dos habitantes da terra. Por motivos que porventura algum dia terei ocasião de explicar-lhe, desejava saber que provas há desta influência.

— Com todo o gosto lhas direi — respondeu o sr. Le Mesge.

Mas agora adiantei-me eu e disse brutalmente:

— Duas palavras, se faz favor. Não posso deixar de dizer que estas discussões históricas me parecem inteiramente inoportunas. Não tenho eu culpa de que o senhor tivesse tido dissabores universitários e de que não seja hoje professor no Colégio de França ou noutra escola. Neste momento uma só cousa me importa: saber o que estamos aqui a fazer, o que eu estou aqui a fazer. Importa-me muito mais saber que quer de mim essa tal senhora Antinea do que a etimologia grega ou berbere, do seu nome. O meu camarada quer conhecer as suas relações com o antigo Egipto: está muito bem. Cá por mim, o que me importa saber, são as relações que ela tem com o Governo Geral da Argélia e com os postos árabes.

O sr. Le Mesge deu uma gargalhada estridente.

— Vou dar-lhes uma resposta que os vai satisfazer a ambos — respondeu.

E acrescentou:

— Venham comigo. É tempo de saberem.

CAPÍTULO X

A SALA DE MÁRMORE VERMELHO

Guiados pelo sr. Le Mesge, atravessámos também, desta vez, uma série interminável de escadas e corredores.

— Perde-se toda a orientação no meio deste labirinto — murmurei eu a Morhange.

— Até se podia perder a cabeça — respondeu, a meia voz o meu companheiro. — Este velho maníaco é incontestavelmente um grande sábio, mas Deus sabe onde êle quer chegar. Enfim, acaba de prometer-nos que fomos saber.

O sr. Le Mesge tinha parado diante de uma porta pesada e escura, tóda coberta de incrustações extravagantes. Abriu-a e disse:

— Façam favor de entrar.

Bateu-nos na cara uma corrente de ar frio. Na sala onde acabávamos de penetrar reinava uma verdadeira temperatura de subterrâneo.

De entrada, a obscuridade não deixava, sequer, distinguir as proporções da sala. A iluminação consistia em dōze enormes lâmpadas de longas chamas vermelhas, em forma de coluna. Ao entrarmos, o vento do corredor fê-las oscilar e as nossas sombras agitaram-se em volta de nós, engrandecidos e estranhamente deformados. Depois, os bicos ergueram-se novamente, e as luzes vermelhas ficaram hirtas e imóveis. Os lampadários gigantes, de três metros de altura aproximadamente, estavam dispostos num círculo de 50 pés de diâmetro, pelo menos, e a sua luz vermelha reflectia-se longamente no mármore polido do chão. Ao meio da corôa assim formada havia uma sombra, tóda riscada de reflexos vermelhos. Aproximei-me e vi que era uma fonte cuja água perene caía em cascata, com um murmúrio longínquo e cantante. Era essa água fresca que dava à sala a temperatura de que falei. Na rocha onde corria a tenebrosa fonte, estavam esculpidas cadeiras enormes com almofadas de sêda.

Por dentro das lâmpadas, havia dōze turbilhões, desenhando uma corôa mais pequena. Não se via subir o fumo, todavia o perfume que espalhavam, junto à frescura e ao murmúrio da água, fazia nascer o desejo de ficar ali para sempre.

Le Mesge indicou-nos as cadeiras ciclópicas em tórno da fonte, e sentou-se na obscuridade.

Falava baixo como na igreja.

Com effeito, os olhos habituarão-se pouco a pouco, à luz encarnada, que apenas alumia a parte inferior da enorme sala. A cúpula estava de tal maneira mergulhada em sombras, que não se lhe via o cimo, nem sequer podia avaliar-se o comprimento da cadeira do enorme lustre, que se distinguia por cima das nossas cabeças. Esta sala, repito, era redonda, de modo que diante de nós, ficavam as paredes côncavas, de que o olhar não podia despregar-se. Em breve reparámos que estavam divididas numa série de nichos escuros, cuja linha negra era cortada, diante

de nós, pela porta, por onde entráramos, e por detrás, por uma segunda porta, vão ainda mais negro que eu adivinhava na sombra. De uma porta a outra, contei sessenta nichos, ou seja um total de cento e vinte. Cada um dêles tinha de altura três metros e um de largura. Continha uma espécie de estôjo, mais largo em cima que em baixo, fechado apenas na parte inferior. Excepto nos dois que estavam diante de mim, havia dentro dêsses estojos um vulto brilhante, com se fôsse uma estátua de bronze, muito pálido.

Que vinha a ser aquelas estátuas? Levantei-me para ir ver.

A mão do sr. Le Mesge pousou no meu braço.

— Daqui a bocadinho — murmurou, em voz muito baixa — daqui a bocadinho.

Ouviram-se passos atrás da porta por onde entráramos.

Abriu-se e, em silêncio, entraram dois tuaregues brancos, com um comprido volume às costas, e um terceiro, que parecia maudar.

Puseram o volume no chão, e tiraram de um dos nichos, o tal estôjo comprido.

— Agora podeis ir ver, senhores — disse Le Mesge.

E a um sinal dêle, os tuaregues afastaram-se alguns passos.

— Pedi-me há bocado — disse êle a Morhange — que lhe desse uma prova da influencia egípcia sôbre esta terra. Ora, que lhe parece esta caixa?

E mostrava o estôjo que os servos tinham tirado do nicho, e deitado no chão.

Morhange soltou uma exclamação surda.

Era uma daquelas caixas destinadas a conservar as múmias. A mesma cadeira brilhante, a mesma pintura de côres vivas, só com a diferença de ter caracteres tífinares em lugar de hieroglifos, a mesma forma estreita em baixo e larga em cima, que só por si, nos devia chamar a atenção.

Le Mesge ajoelhou-se e fixou na porta anterior da caixa um grande rótulo de cartão branco.

— Podem ler — disse êle simplesmente, mas igualmente em voz baixa.

Ajoelhei também, porque a luz dos grandes candelabros mal permitia decifrar o rótulo, em que, todavia, reconheci a letra do professor.

Continha êle estas singelas palavras:

Número 53 — Major Sir Archibald Russell, nascido em Richmond a 5 de Julho de 1860. Falecido no Hoggar a 3 de Dezembro de 1896.

Levantei-me de um salto.

— O major Russell! — exclamei.

— Fale mais baixo, disse o sr. Le Mesge.

— Ninguém tem direito de falar alto neste lugar.

— O major Russell, repetiu, obedecendo como que involuntariamente àquela ordem, que partiu o ano passado de Khartum, para explorar o Sokoto?

— Fosse mesmo. — respondeu o professor.

— E... onde está o major Russell?

— Está aqui — respondeu o sr. Le Mesge. O professor fez um sinal. Os tuaregues brancos aproximaram-se.

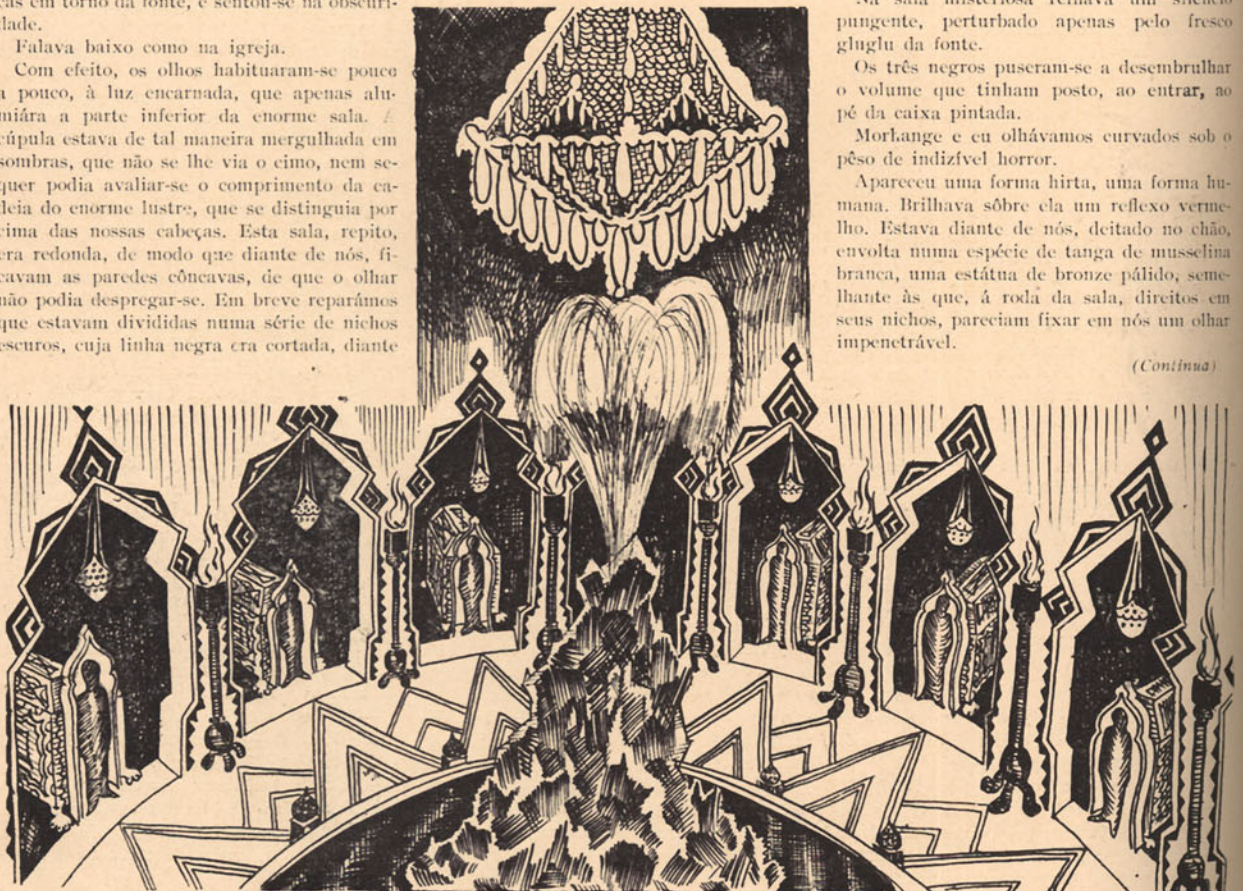
Na sala misteriosa reinava um silêncio pungente, perturbado apenas pelo fresco gluglu da fonte.

Os três negros puseram-se a desembulhar o volume que tinham posto, ao entrar, ao pé da caixa pintada.

Morhange e eu olhávamos curvados sob o péso de indizível horror.

Apareceu uma forma hirta, uma forma humana. Brillava sôbre ela um reflexo vermelho. Estava diante de nós, deitado no chão, envolta numa espécie de tanga de musselina branca, uma estátua de bronze pálido, semelhante às que, à rodá da sala, direitos em seus nichos, pareciam fixar em nós um olhar impenetrável.

(Continua)

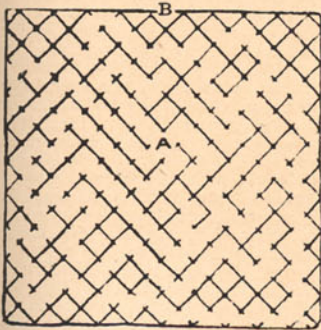




Passatempo

UM NOVO DÉDALO

(Paciência)



Um cavalheiro tão rico como extravagante nos seus caprichos, tinha uma filha, extremamente formosa, da qual se enamorou um rapaz, a quem a fortuna não havia outorgado grandes dons. Ela correspondia-lhe; mas o pai, que só desejava para genro um milionário, opunha-se terminantemente ao casamento.

Chegou, por fim, um dia em que acedeu a

deixá-los casar; porém, mediante a condição de que o pretendente se sãsse bem de uma prova a que resolvera submetê-lo. Para êste efeito, mandou construir no jardim do seu palácio um grande labirinto, em cujo centro, marcado na planta anexa pela letra A, colocou a filha; o noivo tinha que entrar pela porta B e encontrar o objecto do seu amor ao termo de uma hora. Se decorrida esta, o não conseguisse, podiam perder tóda a esperança de realizar o seu sonho.

Felizmente não sucedeu assim, e, em menos tempo do que o estabelecido pelo pai severo, estavam nos braços um do outro os dois namorados.

Se algum dos nossos leitores se tivesse encontrado nas mesmas circunstâncias, por que caminho teria seguido?



A CRUZ E O QUADRADO

(Problema)

Com dōze fósforos, ou palitos, formam-se a cruz e o quadrado, que a figura junta está indicando. Depois, levantando cinco fósforos e colocando-os em lugares diver-



dos daqueles que actualmente occupam, formam-se três quadrados exactamente iguais entre si.



Dois pescadores de cana regressam a casa, com os seus cestos às costas.

— Então, você não apanhou nada?

— Nem um a simples boga.

— E diverte-se assim mesmo?

— Então! ao menos, sempre é um dia passado longe da minha mulher!

O ATIRADOR E O «CLOWN»

(Solução)



Aqui está colocada a figura do «clown» pela forma requerida: isto é, sem encobrir nenhum dos pontos marcados no alvo.



O pequeno Gustavo felicitando a tia no dia do seu aniversário natalício: — Trago-lhe estas flores, minha tia, e dou-lhe muitos parabens por já ter mais um ano.



O Seabra (ao telefone): — O sr. Bastos está aí?

O empregado de escritório: — Não senhor.

— A que horas estará?

— Não sei, senhor.

— Paz favôr vai perguntar-lhe, sim?



ELE: — Bem; julgo que são horas de me retirar.
ELA (enfastada): — Oh! creio que já é mesmo mais tarde!



Ondê está a esposa d'êste cavalheiro?

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM FEVEREIRO DE 1928

Sem renunciarmos ao sistema até aqui usado nesta secção, o de registo, embora resumido, das principais obras salda em França e impressas na sua língua, que podem interessar aos diversos núcleos do nosso público — e esta preferência pela literatura francesa, crêmo-la dispensada de justificativo, dado o carácter universal dessa opulenta bibliografia, espécime de grande lago para onde convergem lódas as correntes do pensamento mundial, e na qual, quer em trabalhos originaes, quer de tradução, não há modalidade estética ou descoberta científica, produzida seja onde fór, que tarde em obter reflexo ou divulgação, — entendemos vantajoso introduzir-lhe, a partir deste número, certa modificação que só visa ampliar os serviços que já prestava ao leitor. Por ela, este ficará doravante habilitado a ir direito às obras que mais lhe convenha ler.

De facto, perante uma extensa lista de obras, de que se conhecem apenas os títulos, os nomes dos autores e, quando muito, o género e o preço, lódas as perplexidades são legítimas — e também muito prováveis as desilusões... Assim, na própria França, foi reconhecida a necessidade de guiar o público, e para isso criou-se ali, vai para três anos, um grupo seleccionador das obras recém-aparecidas, grupo esse constituído por escritores de mais alta reputação, na sua matéria académicos, que tomou o título de Comité Sequana. Mensalmente, com inextinguível escrupulo, são emitidos os seus pareceres, e o leitor que os acata poderá estar certo de que não enche a sua biblioteca senão com o que de melhor vai saindo a lume na língua francesa, que é, repetimos, instrumento de geral cultura e medianeira por excelência entre lódas as literaturas do globo.

Esta nossa secção passa, pois, desde hoje, a incluir a resenha dimanada do referido comité, de cujos membros, para garantia do acerto dos seus juízos, cumpre aqui declinar os nomes: Pol Neveux, da Academia Goncourt; Henry Bordeaux; Henry-Robert; Joseph Bédier; Paul Valéry, todos quatro membros da Academia Francesa; Fortunato Strowski, do Instituto e professor na Sorbonne; Pierre Lyautey; André Chauréix; Jacques Bainville; Henri Massis; André Maurois; e Léon Bérard, ex-ministro da Instrução Pública em França.

Bis, das obras últimamente publicadas, as que o comité recomenda:

Jérôme 60ª latitude nord, por Maurice Bedel. É a história de Jérôme descobrindo a Noruega. O herói apaixonase ali por uma estudante de astronomia, a quem ele atribui preceções com a Solveig do Peer Gynt. É um quadro de maliciosa observação, ao qual foi concedido o Prémio Goncourt de 1927.

Grand Louis l'innocent, por Marie Le Franc. Estranho livro inspirado pela terra bretã, cuja autora nasceu duma família de pescadores, sabendo, por isso mesmo, pintar com verdade e beleza os costumes da gente marítima. Este livro obteve o Prémio Pémina — Vie Heureuse de 1927.

Lettres espagnoles, por Jacques de Laetrelle. É a pintura da Espanha feita por uma grande sensibilidade, que se propôs verificar o que de verídico havia nas impressões sobre aquele país deixadas por Barrés, Théophile Gautier e outros espíritos de escol.

Petite Histoire des Juifs, por Jérôme e Jean Tharaud. Os dois irmãos escritores quiseram dar-nos a conhecer, nestas páginas, o que constitui o ghetto e quais as tragédias que, nas diferentes eras e entre os diversos povos, como

em Espanha, França, Alemanha, Polónia e Rússia, tem sofrido a raça israelita. Também este livro nos dá conta dos progressos atingidos, em nossos dias, pela mentalidade hebráica.

Chroniques, por Marcel Proust. Feixe de artigos escritos de 1892 a 1921 e em que se descobre a linha do pensamento proustiano. Aqui se patenteia a parte mais íntima da doutrina literária do autor, hoje tão discutido e considerado como um dos maiores nomes das letras francesas.

Vasco, por Marc Chardourne. É o romance dos que morrem de tédio sob o jugo dos hábitos familiares e das preocupações materiais. O autor mistura nele o sonho à realidade, para nos descrever com tintas novas a Oceania.

La Vie gallarde et sage de Montaigne, por André Lamandé. O autor viu Montaigne sob um aspecto ainda não revelado. Aqui não surge apenas o amante dos livros, mas também, ou mesmo de preferência, o homem bem humorado que ele foi por igual. É um Montaigne «en pantoufles», para usarmos duma expressão agora muito em voga, devido ao irrequeto secretário de Anatole France.

Etudes anglaises, por André Maurois. Primeiro, um estudo sobre Dickens, em que se fala da arte do romance nesse célebre autor inglês. Depois, outros estudos, entre os quais o ensaio «De Ruskin à Wilde», marcando as diferenças de vida e de pensamento desses dois estetas. O fecho do volume é um panorama da moderna literatura inglesa (Bertrand Russel, Wírginia Woolf, Foster, David Garnett, Maurice Baring, etc.).

Le Zodiaque ou les Étoiles sur Paris, por Tristan Derème. O autor, considerado mestre da escola «fantástica» e muito aplaudido, há anos, pelo seu livro *Verdure dorée*, afirma agora de novo aqui as suas altas qualidades de poeta.

Art et Artistes du Moyen Age, por Émile Male. 30 fr. Talento delicado e larga erudição. O eminente académico leva-nos, neste livro, a percorrer o domínio infinitamente variado da vida artística, arquitectura românica e gótica, escultura, miniatura, vitrais, obras de marfim. Aqui se encontram modos novos de encarar a arte da catedral de Reims, etc. Livro bom, na verdade.

Le Comte d'Artois, Charles X, por J. Lucas-Dubreton. O autor, que obteve há pouco o Grand-Prix da Société des Gens de Lettres, descreve-nos aqui, em tons sedutores, a vida dramática do Conde de Artois durante o período que vai de 1757 a 1836.

Rencontres avec Richard Wagner, por Alexandre Arnoux. Obra original, de imprevista complexidade. Embora com a ajuda da fantasia, está aqui traçada a evolução intelectual, principalmente sob o ponto de vista da música e suas relações com outras artes, duma geração inteira que elegeu Wagner como seu pontífice. É, a bem dizer, o romance da ideologia musical desde 1890 até aos dias presentes.

Psyché, por Pierre Louys, seguida de *La Fin de Psyché*, por Claude Farrère. Trata-se da obra derradeira desse alto artista das letras que foi Pierre Louys. Esta obra, infelizmente suspensa pela morte do autor, aparece agora com o manuscrito ultimado por Claude Farrère, talento também dos mais fortes da literatura francesa de hoje.

Le Chant du Bienheureux, por Jean Chardonne. O autor é considerado o romancista exímio da inquietação humana. Nas suas obras, em que aparece como motivo básico a dor do pensamento, não há as fáceis respostas dos moralistas vulgares a toda a natureza de problemas

do nosso eu. Como no *Epilhalame*, sua obra anterior, nesta o mistério conduz todas as scenas e é entre dois pórticos cheios de sombras que o romancista põe o espírito do leitor a caminhar.

Jaune Bleu Blanc, por Valéry Larbaud. Texto variadíssimo, onde se encontram ensaios, divagações, fantasias, etc. Não devemos deixar de lembrar que Valéry Larbaud é um dos bons amigos das letras portuguesas.

L'Art de former une Bibliothèque, por Émile Henriot. Espírito delicado de literato, o autor não pretende aqui impôr o seu gosto, nem sequer dar conselhos sobre a matéria. O que constitui o seu fito é expedir modos de ver pessoais a respeito da escolha do Romance, da Poesia e do Teatro, dos Ensaístas e Moralistas, das Memórias e Correspondências, da História e das Viagens, etc., quando se queira colecçãoar uma biblioteca que satisfaça ao maior número das curiosidades do nosso espírito. Nos apêndices da obra encontram-se curiosas observações sobre as memórias de Saint-Simon, de Madame d'Épinay e de Casanova. Também o autor indica neste seu livro como trabalhar um erudito e fala dos jornais e dos panfletos do antigo regime, etc. Em suma, é um trabalho que interessa a todos os amigos dos livros.

L'Orgueilleuse, por Suzanne Martinon. Neste romance da autora festejada de *Neux Deux* e *Le Cœur mal défendu*, apresenta-se-nos, sem artificios, o coração duma mulher. A crítica afirmou que esta obra coloca, definitivamente, a romancista na primeira fila das juvenis escritoras francesas.

L'Imposture, por Georges Bernanos. Conhecem, decerto, os leitores desta secção, o autor do *Sous le Soleil de Satan*, obra que tanto êxito alcançou. Nesta, sem abandonar por completo a nota patética, mas renunciando à intervenção do Demónio na intriga, expõe um conflito que nos obriga a penetrar nos meandros menos vezes percorridos da alma humana. O assunto é este: um padre descobre que deixou de ter fé, ou, antes, que talvez nunca a tenha tido. Há quem atribua ainda maior valor a este livro do que ao *Sous le soleil de Satan*.

L'Union Sacrée — 1914, por Raymond Poincaré. Com lucidez e amor à verdade, o autor, que de tão perto seguiu todas as fases do grande conflito mundial, analisa nestas páginas as últimas horas da paz e da expansão belicosa que ia dentro em pouco cobrir de sangue a Europa. Está aqui um subsídio precioso para a história contemporânea.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÕES

ARONSON (MOSES JUDAH) — <i>La philosophie moral de Josiah Royce</i> . 25 fr.	
BASCH (VICTOR) — <i>Essai critique sur l'esthétique de Kant</i> . 60 fr.	
BONTEMPS (CH. AUG.) — <i>L'œuvre de l'homme</i> . 9 fr.	
BOUÏROUX (ÉMILE) — <i>Nouvelles études d'histoire de la philosophie</i> . 25 fr.	
DUJARDIN (ÉDOUARD) — <i>Le Dieu Jésus</i> . 15 fr.	
EBERLIN (E.) — <i>Les Juifs d'aujourd'hui</i> . 10 fr. 50.	
LE BON (DR. GUSTAVE) — <i>L'évolution actuelle du monde, Illusions et Réalités</i> . 13 fr.	
LECOMTE (TH.), VALÉRY (PAUL), BERTHIER (GEORGES), BOUCHER (JOSEPH), HAURY, LAZÈRES, DUTHIL — <i>Les Actualités pédagogiques</i> . 9 fr.	

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados..		47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	24\$40	49\$00	96\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados..		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados..		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00

LEIAM O FORMIDAVEL
EXITO LITERÁRIO

TRABALHOS FORÇADOS

DO GRANDE PANFLETÁRIO

JOÃO CHAGAS

O MAIS EMPOLGANTE
DE TODOS OS VOLU-
MES DE MEMÓRIAS

A REVOLUÇÃO DE 31
DE JANEIRO VISTA
POR ALGUEM QUE
TOMOU PARTE NELA

EDIÇÃO DEFINITIVA EM 3 VOLUMES

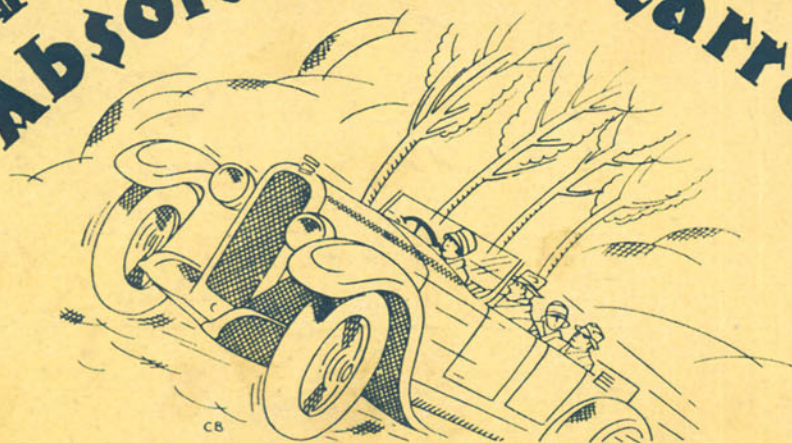
Cada volume brochado

10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Quere Ter Confiança Absoluta no seu carro?



Mais de 50% de todas as avarias dos motores resultam da lubri- ficação defeituosa

Se, porém, v. encher o carter do seu carro com oleos GARGOYLE MOBILOIL, o seu motor ficará protegido contra avarias de lubrificação.

—Porquê? Porque estes oleos não são sub-produtos da fabricação da gasolina; são, pelo contrario, extraídos dos petroleos brutos escolhidos pelas suas propriedades lubrificantes e preparados, desde o inicio ao termo da sua refinação, com um fim unico: impedir que o atrito e o calor desenvolvam a sua acção destruidora.

Todos os tipos de carros que se fabricam no mundo — e consequentemente o tipo do seu — foram estudados detalhadamente pelos nossos engenheiros especialistas que determinaram qual o tipo de oleo GARGOYLE MOBILOIL que se adapta perfeitamente às condições de funcionamento de cada marca de automovel.

Em todas as boas garages v. poderá obter o tipo de oleo GARGOYLE MOBILOIL indicado para o seu carro, na nossa Tabela de Recomendações.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

REFINARIAS:
BAYONNE (N. J.)
PAULSBORO (N. J.)

REFINARIAS:
OLEAN (N. Y.)
ROCHESTER (N. Y.)

161

Vacuum Oil Company